



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

ADILMA FRANCISCO DE FRANÇA

**A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO:
O AUTISMO EM FOCO**

**SUMÉ - PB
2021**

ADILMA FRANCISCO DE FRANÇA

**A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO:
O AUTISMO EM FOCO**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Educação Contextualizada.

Orientadora: Professora Ma. Denise Maria Duarte Coutinho.

**SUMÉ - PB
2021**



F814e França, Adilma Francisco de.

A Educação Contextualizada no campo: o autismo em foco. / Adilma Francisco de França. - 2021.

85 f.

Orientadora: Professora Ma. Denise Maria Duarte Coutinho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido.

1. Educação Contextualizada. 2. Autismo. 3. Educação especial. 4. Inclusão. 5. Escolado campo. 6. Processo de ensino aprendizagem. 7. Comunidade de Pio X - Sumé - PB. 8. Pessoas com deficiência - Educação.
I. Título. II. Coutinho, Denise Maria Duarte.

CDU: 376(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

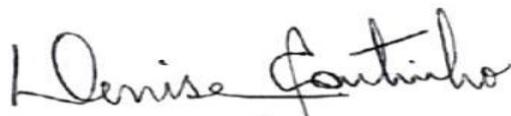
Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ADILMA FRANCISCO DE FRANÇA

**A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO:
O AUTISMO EM FOCO**

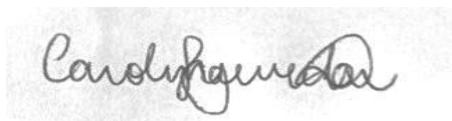
Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Educação Contextualizada.

BANCA EXAMINADORA:



**Professora Ma. Denise Maria Duarte Coutinho.
Orientadora - UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Carolina Silva de Medeiros.
Examinador I - UAEDUC/CDSA/UFCG**



**Professora Dra. Carolina Figueiredo de Sá.
Examinador II - UAEDUC/CSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 25 de agosto de 2021

SUMÉ - PB

Antônio Francisco Neto (meu pai), Maria Paulino de França (minha mãe) e, em especial, a Jennyf Ângela de França Maciel (minha filha).

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha saúde e força para superar as dificuldades, e me encorajar para continuar lutando por uma Educação de qualidade e humanizadora.

Aos docentes da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), em especial da Unidade Acadêmica de Educação do Campo (UAEDUC) na pessoa da Professora Maria do Socorro Silva, pois através de seus ensinamentos minha prática docente foi sendo ressignificada.

À Escola do Campo José Bonifácio Barbosa de Andrade, por me proporcionar um espaço de aprendizagem, de humanização e companheirismo, nas pessoas do Professor Alisson Clauber e da Professora Lucivania Deodato, saúdo a todos os Professores, à Coordenação na pessoa de Maurícia Tatiele, gestores Isaías Pereira e Ivaneide Silva, aos funcionários de apoio na pessoa de Dona Vilma e os motoristas, que passaram comigo esta trajetória de doze anos como docente.

Aos meus familiares, pela compreensão da minha ausência.

A família de Estrela (Criança autista), que foi minha motivação maior para a escolha do tema, a partir da experiência vivida.

A minha orientadora, pelas contribuições no meu trabalho. Minha eterna gratidão!

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância [...]

Cleonice Alves Bosa.

RESUMO

Este trabalho buscou analisar experiências contextualizadas, em uma escola do campo, desenvolvidas com um estudante Autista, no município de Sumé – PB. Alicerçamos nossa fundamentação conceitual em pesquisas bibliográficas que discutem a inserção da criança autista no contexto escolar, tendo como referências fundantes, entre outros, Bosa (2002), Cunha (2012), Aranha (2000) e Lima (2016), onde correlacionamos os fundamentos teóricos com a pesquisa de campo, para avaliar suas articulações e identificando os impactos e as correlações entre os aspectos e documentos e sua materialização no chão da escola. Para tanto, a pesquisa inclui uma análise detalhada sobre a forma de relacionamento entre as instituições públicas, os diversos grupos sociais presentes na escola e o indivíduo autista. Descrevemos como as relações e os vínculos formais e informais acontecem, bem como as interações que têm contribuído para o desenvolvimento dos processos de ensino/aprendizagem da criança autista. A abordagem da pesquisa é de caráter qualitativo, onde não se preocupa essencialmente com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização ou de um fenômeno. A natureza da pesquisa possuiu um viés analítico, que objetivou gerar conhecimentos para o avanço de práticas educativas exitosas com crianças autistas. Que no nosso caso será analisar as especificidades educacionais de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este estudo se caracteriza como uma pesquisa aplicada, pois, promove a construção de conhecimentos para situações práticas, direcionados para melhorias no atendimento educacional da criança autista. A partir da experiência construída e desenvolvida, concluímos que é mais que urgente articulação e o planejamento para aproximar aspectos teóricos e idealizados, daquilo que acontece dentro das escolas e da sala de aula. Sendo necessário para o desenvolvimento de práticas significativas sincronismo e sintonia entre múltiplos segmentos, sejam eles gestores, docentes, políticos e familiares para que consigamos promover e potencializar a qualidade da educação.

Palavras-chave: escola do campo; autismo; processos de ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This work sought to analyze contextualized experiences, in a rural school, developed with an autistic student, in the city of Sumé – PB. We base our conceptual foundation on bibliographical research that discusses the insertion of the autistic child in the school context, having as founding references, among others, Bosa (2002), Cunha (2012), Aranha (2000) and Lima (2016), where it correlates the theoretical foundations with the field research, to assess their articulations and identifying the impacts and correlations between the aspects and documents and their implementation in the school. Therefore, the research includes a detailed analysis of the link between public institutions, different social groups present in the school and the autistic individual. We describe how formal and informal bonds occur, as well as the interactions that have contributed to the development of teaching/learning processes in autistic children. The research approach is qualitative, where it is not essentially concerned with numerical representation, but rather with the deepening understanding of a social group, an organization or a phenomenon. The research had an analytical bias, which aimed to generate knowledge for the advancement of successful educational practices with autistic children. Which it will be analyzing the educational specifics of a student with Autistic Spectrum Disorder (ASD), This study is characterized as an applied research, therefore, it promotes the construction of knowledge for practical situations, aimed the improvement of the educational care to the autistic children. Based on the experience built and developed, we conclude that it is more than urgent to coordinate and plan to bring together theoretical and idealized aspects of what happens within schools and the classroom. It is necessary for the development of significant practices, synchronism and harmony between multiple segments, be they managers, teachers, politicians and family members, so that we can promote and enhance the quality of education.

Keywords: rural school; autism; teaching-learning processes.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Escola José Bonifácio Barbosa de Andrade.....	41
Fotografia 2	Estrela e membros de sua família.....	57
Fotografia 3	Foto de um desenho da casa de Estrela.....	58
Fotografia 4	Momento de Leitura.....	59
Fotografia 5	Regando as plantas.....	60
Fotografia 6	Limpeza ambiental.....	61
Fotografia 7	Brinquedo reciclável.....	62
Fotografia 8	Percepções sensoriais.....	63
Fotografia 9	Momento do lanche.....	64
Fotografia 10	Confeccionando personagem do folclore.....	66
Fotografia 11	Apresentação da confecção produzida.....	67
Fotografia 12	Culminância da semana do folclore.....	68
Fotografia 13	Atividade esportiva.....	69
Fotografia 14	Atividade na sala de computadores.....	70
Fotografia 15	Conhecendo os tipos de reservatório de água.....	71
Fotografia 16	Contato com o calendário móvel.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Eixos Temáticos Adotados pela Educação do Campo.....	21
Quadro 2	Descrição do informante.....	51
Quadro 3	Descrição dos professores.....	51
Quadro 4	Descrição da PRE.....	52
Quadro 5	Eixos Temáticos e os Conteúdos abordados pela Educação do Campo.....	56

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
OBMEP	Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
ONG	Organização Não Governamental
PPP	Projeto Político Pedagógico
PRE	Pessoa Responsável por Estrela
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
RESAB	Rede de Educação do Semiárido Brasileiro
SAB	Semiárida Brasileira
SEDUC	Secretaria Municipal de Educação
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UAEDUC	Unidade Acadêmica de Educação do Campo
UFCG/CDSA	Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
UFPB/CCHSA	Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	OBJETIVO GERAL.....	13
1.1.1	Objetivos Específicos.....	13
1.2	PLANO GERAL DA MONOGRAFIA.....	13
2	EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SEMIÁRIDO.....	16
2.1	A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA.....	16
2.2	A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	19
2.2.1	Eixo Articulador e Eixos Temáticos.....	21
3	A EDUCAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	23
3.1	EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	23
3.2	A DIVERSIDADE NO MUNDO AUTISTA.....	26
3.3	A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA A ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA.....	28
4	O TERRITÓRIO PARAIBANO: UM BREVE OLHAR.....	32
4.1	A CONSTITUIÇÃO DO CHÃO PARAIBANO.....	32
4.2	A CONSTITUIÇÃO GEOGRÁFICA DO CAMPO DE PESQUISA.....	34
4.2.1	Cariris Paraibanos: Oriental e Ocidental.....	36
4.2.1.1	<i>Cariri Oriental.....</i>	36
4.2.1.2	<i>Cariri Ocidental.....</i>	37
4.2.1.3	<i>A cidade de Sumé.....</i>	38
5	A COMUNIDADE DE PIO X E SEUS ATORES.....	40
5.1	O DISTRITO PIO X.....	40
5.2	A ESCOLA MUNICIPAL NO PIO- X.....	41
5.3	PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM: PROTAGONISTA E COADJUVANTES.....	42
5.3.1	Entrevista com professores.....	42
5.3.2	Entrevista com uma PRE.....	46
6	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	50
6.1	QUANTO A FINALIDADE DA PESQUISA.....	50
6.2	QUANTO AOS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	50
6.3	QUANTO A SELEÇÃO DOS (AS) PARTICIPANTES.....	51
6.4	QUANTO A ABORDAGEM DO PROBLEMA.....	52
6.5	QUANTO A COLETA DE DADOS.....	53
7	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS.....	54
7.1	AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS.....	54
7.2	RECURSOS UTILIZADOS.....	55
7.3	EIXOS TEMÁTICOS.....	55
7.3.1	Identidade e Cidadania.....	56
7.3.2	Trabalho e Meio Ambiente.....	60
7.3.3	Arte, Cultura e Diversidade.....	65
7.3.4	Comunicação e Tecnologia.....	70
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS.....	76
	APÊNDICES.....	79

1 INTRODUÇÃO

A proposta de Educação do Campo, considerando a perspectiva da Contextualização e da Convivência com o Semiárido, vem sendo trabalhada desde 2012 nas escolas do campo do município de Sumé, no intuito de desenvolver conteúdos e práticas pedagógicas do território, adquirindo conhecimentos e aprendizagens para a formação da própria identidade no contexto escolar, levando ao convívio diário em suas comunidades.

Essa proposta de Educação inovadora está articulada com a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDBEN, estando em consonância com um direcionamento da Secretaria Municipal de Educação do município de Sumé – SEMEC¹, que tem como parceira a Universidade Federal de Campina Grande – (UFCG), através do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), Campus de Sumé – PB.

Esta parceria vem ocorrendo com a Unidade Acadêmica de Educação do Campo (UAEDUC) cujo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo, Formação de Professores/as e Prática Pedagógica (NUPEFORP), ofereceu formações continuadas para os professores/as que já atuavam nas escolas do campo, trabalhando um currículo que foi desenvolvido pelos profissionais da (UAEDUC), otimizando as práticas e reconfigurando aspectos teóricos com o objetivo de aproximar à realidade do Cariri Paraibano.

O território do Cariri Paraibano, que está situado na mesorregião da Borborema e é subdividido em Cariri Oriental e Ocidental, sendo que neste último está localizado o espaço geográfico desta pesquisa, o município de Sumé. Porém, destacamos como campo de pesquisa a escola do campo que está inserida no Distrito de Pio X.

Antes da articulação firmada, muitas das vezes as ações desenvolvidas não atendiam às realidades dos sujeitos, que estavam inseridos no contexto escolar, principalmente as crianças com alguns tipos de especificidades.

Neste sentido, este estudo tem como finalidade compreender como se constroem os processos de ensino-aprendizagem, contextualizado para crianças especiais nas escolas do campo no Município de Sumé, buscando relacionar as experiências vivenciadas em sala de

¹ De acordo com a pesquisa encontramos Secretaria de Educação, a sigla SEMEC, a exemplo: Secretaria Municipal de Educação (Semec) Belém – PA; Secretaria Municipal de Educação (Semec) Teresina – PI; Secretaria Municipal de Educação (Semec) Maceió – AL. Assim, utilizaremos essa mesma nomenclatura SEMEC para distinguir de SEDUC – Secretaria Estadual de Educação.

aula multisseriada, tendo como agente motivador um estudante com Transtorno do Espectro Autista, doravante referenciado como autista.

No que concerne à metodologia, foi desenvolvida uma abordagem qualitativa que deu sustentação a este trabalho, que tem como motivação as práticas desenvolvidas em sala de aula com uma criança doravante denominada Estrela, em condição de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma entrevista semiestruturada, com questões abertas e fechadas (dados pessoais) em uma escola do campo, compreendendo parte de cada realidade a partir de um trabalho que está sendo desenvolvido nesse âmbito escolar. Para tanto as categorias analisadas foram de compreensão em torno da Educação Contextualizada, Educação Inclusiva e Educação do Campo.

Construir uma proposta pedagógica que estabeleça relações entre a escolarização da criança autista, educação contextualizada e a educação do campo não é tarefa das mais fáceis, porém, acreditamos que o referido estudo pode vir a contribuir de forma significativa para o entendimento das especificidades da criança com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar.

Na referida escola existem as classes multisseriadas, que são de acordo com Cardoso e Jacomeli (2010), uma forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias estudantes de múltiplas idades e anos/séries do Ensino Fundamental simultaneamente, tendo de atender os discentes de níveis de conhecimentos diferentes.

Bastante presentes no espaço do campo brasileiro, as classes multisseriadas estão presentes sobretudo em áreas de difícil acesso, já que algumas escolas têm um número pequeno de matrículas e a mudança para outras escolas nas áreas urbanas nem sempre é possível, por conta da distância.

Para que este estudo se caracterize como uma ferramenta de pesquisa e análise para outros educadores e educadoras, levaremos em consideração os preceitos da educação do campo e de uma educação contextualizada promovendo interações com a educação inclusiva, tendo como espaço de atuação uma escola da zona rural do município de Sumé cariri paraibano. Onde constatamos a partir de vivências e experiências aprendizados significativos após as formações continuadas e as práticas desenvolvidas em sala de aula.

A partir do momento que a educação e os educadores compreenderem que as práticas construídas no chão do espaço escolar necessitam também, ser afetivas e não apenas conteudistas, teremos melhoras significativas nas relações, nos dizeres e nos fazeres dentro

das escolas, sendo este também, uma das vertentes humanizadoras de pensar e fazer a educação contextualizada, inclusiva e humanizada.

O estudante escolhido, doravante denominado Estrela para direcionar este trabalho, é uma criança que foi matriculada em 2014, quando teve seus contatos iniciais com a educação formal numa turma de educação infantil, com outros dezesseis estudantes, na Unidade Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Bonifácio Barbosa de Andrade – Distrito de Pio X, zona rural do município de Sumé – PB. Estrela reside juntamente com seu pai, sua mãe e mais dois irmãos.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar experiências contextualizadas, em uma escola do campo, desenvolvidas com um estudante Autista, no município de Sumé – PB.

1.1.1 Objetivos Específicos

Registrar e selecionar ações desenvolvidas na escola do campo no processo de ensino e aprendizagem de um estudante autista;

Observar o desempenho deste estudante diante das atividades a ele propostas;

Analisar os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem de um estudante autista;

1.2 PLANO GERAL DA MONOGRAFIA

A estrutura da monografia está organizada na introdução, no plano de trabalho e nos capítulos, onde constam os aspectos teóricos e metodológicos de acordo com cada finalidade do estudo. Apresentamos ainda, os referenciais e os apêndices que servirão para situar didaticamente o leitor deste trabalho.

No primeiro capítulo “Educação Contextualizada e Educação do Campo” apresenta um aporte teórico onde iremos fundamentar didaticamente os conceitos referentes à educação contextualizada e a educação do campo, apresentando autores que já se debruçaram sobre as referidas temáticas tendo por objetivo esclarecer o leitor no que concerne aos referidos assuntos.

Já no segundo capítulo “Educação Especial e Autismo: aspectos teóricos” refletem sobre as bases legais e documentais tendo por intuito, além de expressar os conceitos e defini-

los. Apresentamos os direitos da criança autista em relação ao ambiente educacional, onde assegura-se através de decretos e legislações sejam elas nacionais, estaduais ou locais. Discute, também, as questões da acessibilidade que são inerentes à criança autista.

O terceiro capítulo, que destaca O Território Paraibano e de modo especial os “Cariris Paraibano: Oriental e Ocidental” busca situar geograficamente o leitor do referido trabalho em relação ao território onde o mesmo está sendo desenvolvido. Apresentando as principais características das microrregiões do Cariri Oriental e do Cariri Ocidental paraibano, onde estes estão inseridos dentro da mesorregião da Borborema.

Continuando, no quarto capítulo “A Comunidade de Pio X e seus atores” ressalta-se de modo mais detalhado o Distrito de Pio X, em seus aspectos históricos, geográficos e culturais.

Dando sequência no quinto capítulo “Procedimentos Metodológicos” traz as etapas desenvolvidas no decorrer da pesquisa mostrando passo a passo o desfecho da experiência com a criança autista. Apresentando de forma sistematizada os processos referentes ao ensino e aprendizagem da criança.

Em seguida no sexto capítulo “Descrição e análise do corpus da pesquisa” discorre sobre o processo de escolarização da criança autista ressaltando os avanços e os desafios enfrentados na trajetória do sujeito, em seguida, analisamos os dados de acordo com a experiência retratada pela professora (autora deste estudo) que participou ativamente do desenvolvimento educacional da criança. Fato este que instigou a referida pesquisa.

Por fim, nas considerações finais é retomado todo o processo teórico, conceitual e procedimental ressaltando o conjunto de elementos inerentes à vivência do espaço educativo, tendo como destaque as práticas escolares desenvolvidas por docentes da escola do campo com uma criança autista.

Os apêndices estão relacionados aos materiais construídos pela autora para conseguir angariar informações referentes às práticas docentes bem como compreender a realidade do estudante, através de entrevistas realizadas com professores e a mãe da criança.

2 EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SEMIÁRIDO

Para estabelecer relações sobre a educação na perspectiva do semiárido é fundamental compreender o que vem a ser geograficamente essa região. Segundo Santana (2017, p.24) “a região Semiárida oficial brasileira foi criada pela Lei Federal nº 7.827, de 27 de setembro de 1989 em substituição ao Polígono das Secas”.

O critério utilizado para demarcar o que seria semiárido caracterizou-se a partir da quantidade de chuva, a precipitação anual seria inferior a 800 mm, e que a partir deste critério, ficaria a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste² (SUDENE) como responsável a definir os limites desta região.

Assim sendo, compreendemos que o Semiárido Brasileiro é uma região natural de grandes dimensões espaciais submetida às ações do clima tropical semiárido, o qual tem como principal característica os baixos e mal distribuídos índices pluviométricos.

Isto ocorre tanto no tempo quanto no espaço, possuindo uma estação de estiagem bastante pronunciada pela sua intensidade e periodicidade. As características e as especificidades do semiárido são amplas e diversas.

Em vários de seus fatores econômicos, políticos, climáticos, culturais e territoriais inerentes aos mesmos têm-se também os elementos educacionais que depende de cada estado, de cada região possuindo suas várias formas de desenvolvimento.

2.1 A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Em busca de atender uma educação que faça o sujeito compreender a realidade onde convive, dialogando, permanentemente, os saberes locais e regionais com os universais e compreendendo que o seu lugar é a referência na qual se aprende sobre si e sobre o mundo.

A criança está no processo de se conhecer como sujeito, a sua maneira de demonstrar sua existência no meio onde vive é brincando de viver, assim cabe ao educador fazer estas relações de aproximação entre o real e o imaginário. Nesta concepção concordamos com Vygotsky (1999, p. 117 - 118) quando ressalta que:

² A Sudene informa que para promover o desenvolvimento incluyente e sustentável da área de atuação da autarquia, além de buscar a integração competitiva da base produtiva regional nas economias nacional e internacional. Com sede em Recife (PE), a superintendência integra o Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal, sendo vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional”. Disponível em <https://www.gov.br/Sudene/pt-br/aceso-a-informacao/institucional>. Acesso em 28.07.2021.

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento da criança.

A partir desta perspectiva este desenvolvimento interacionista é de fundamental importância para adquirir conhecimentos e apropriar-se das experiências vividas no cotidiano. É a partir dessas experiências, dos saberes populares, das práticas pedagógicas que será possível fazer uma Educação Contextualizada e que gere um significado para os indivíduos que estão participando destes processos.

Quando se fala em educação contextualizada, esta não pode ser compreendida que é uma educação escolar voltada exclusivamente para a convivência com o Semiárido Brasileiro – SAB, e que estão apenas nas escolas do campo por desenvolverem uma proposta nesta perspectiva.

Nas palavras de Lins (2011), *essa iniciativa vai além da sala de aula, e está diretamente no dia a dia das pessoas, nas práticas que têm um significado, nas experiências adquiridas com as famílias*. Assim sendo, tal condição educativa pode e deve ser desenvolvida junto com as instituições escolares em parceria com associações comunitárias, organizações não governamentais e principalmente com os sujeitos que compõem a comunidade escolar.

O conceito de Educação Contextualizada deve ser entendido de acordo com Sena (2014, p.18) que diz:

(...) uma práxis, um processo elaborativo de conhecimentos teóricos e práticos que tem como princípio a convivência com o território dos sujeitos, o respeito à condição de vida do indivíduo, à realidade local como ponto de partida e de chegada dos conhecimentos diversos, que não a torne fechada em si mesma, pois se opõe ao modelo universalista de educação, não buscando ferramentas para aprisionar o sujeito àquele determinado conhecimento, mas de maneira que o extrapole, que vá além do saber, tornando-se ferramenta fundamental para a emancipação e libertação, ampliando o que já sabe, experimentando o que não conhece.

De acordo com o exposto, é uma educação que objetiva resgatar os saberes populares, as culturas de um povo independente da região, transformando-os em conteúdos e aprendizagens significativas dentro do currículo das escolas.

A partir do exposto, é fundamental construir vínculos com a realidade e ressignificar as informações que já se conhecem para se encontrar como os sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, sendo trabalhado de forma interdisciplinar para atender os objetivos que o currículo da escola proporciona aos alunos.

Na perspectiva de Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro, a proposta se deu a partir de mobilizações e articulações das políticas públicas de Educação para as escolas do Semiárido Brasileiro pela Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB).

A Rede de Educação do Semiárido Brasileiro que surgiu no ano de 2000, sendo que o processo foi desenvolvido bem antes, através de iniciativas produtivas e educativas de muitas organizações não governamentais, das igrejas, de secretarias de educação e de algumas universidades públicas que vinham desenvolvendo experiências metodológicas para dar outra significação à educação ofertada no Semiárido.

As inflexões curriculares passaram a ser orientadas para fazer a escola vincular-se às formas de vida e às problemáticas existentes dessa região (RESAB, 2004). Essa rede atua com quatro referências teórico-práticas: A Gestão Compartilhada, o Currículo Contextualizado, a Formação Continuada e a Produção de Materiais Didáticos e Paradidáticos Contextualizados.

O propósito é gerar para crianças, jovens, homens e mulheres do Semiárido uma Educação significativa, que retrate sua realidade. A contextualização, que na perspectiva de Silva (2010, p. 4) evidencia que:

A contextualização do ensino favorece aprendizagens significativas porque é um processo facilitador da compreensão do sentido das coisas, dos fenômenos e da vida. Enfim; contextualizar é problematizar o objeto em estudo a partir dos conteúdos dos componentes curriculares fazendo a vinculação com a realidade situando-os no contexto e retornando com um novo olhar.

De acordo com a nova realidade/delimitação, do semiárido brasileiro engloba municípios, totalizando uma área de, 4 km², equivalente a quase 90% da Região Nordeste, contemplando os estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, e ainda a região norte de Minas Gerais e Espírito Santo (ALENCAR, 2010).

A RESAB está presente em todos os estados do SAB, onde se organiza a partir de comitês gestores estaduais. Atualmente a secretaria executiva está localizada na Universidade Federal da Paraíba-Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias (UFPB/CCHSA), na cidade de Bananeiras – PB.

Essa Rede foi criada em 2000, e desde essa data, tem procurado consolidar os fundamentos teórico-práticos da Educação contextualizada de forma que a aprendizagem seja um processo de construção, conhecimentos, habilidades e atitudes que conduzam a um novo significado com as experiências vividas pelos sujeitos.

Respeitando o modo de pensar e agir e possibilitando a interação um com o outro no contexto escolar e na sociedade. No próximo tópico abordaremos o conceito de Educação do Campo para situar o leitor sobre a importância da referida modalidade de ensino.

2.2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Traçaremos nossas análises sobre o conceito de Educação do Campo apoiados nos escritos de Roseli Salete Caldart (2012) no livro *Dicionário da Educação do Campo “Os verbetes, na perspectiva dos movimentos sociais camponeses e de suas lutas, expressam os fundamentos filosóficos e pedagógicos articulados em torno dos eixos campo, educação, políticas públicas e direitos humanos”*, onde a mesma ressalta que a Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira na contemporaneidade.³

Esta realidade é protagonizada pelos trabalhadores camponeses e suas organizações, que possui por intuito incidir sobre a política de educação, apresentando e reivindicando os interesses sociais das comunidades camponesas (agricultores, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, ciganos, caiçaras, faxinalenses, quebradores de coco, entre outros).

Destacam-se ainda, entre tantos outros povos e tantas organizações: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento dos Pequenos Agricultores, Movimento dos Atingidos por Barragem, Movimento das Mulheres Camponesas, Pastoral da Juventude Rural, Comissão Pastoral da Terra, Conselho Indigenista Missionário, Pescadores e Pescadoras Artesanais e Via Campesina, sendo esta última, a organização guarda-chuva.⁴

A Organização guarda-chuva é uma associação de instituições que trabalha unida formalmente para coordenar atividades ou reunir recursos. Nos negócios, na política ou em

³ Este é uma elaboração coletiva cujo principal objetivo é o de apresentar para debate uma síntese da compreensão teórica e prática da Educação do Campo. Disponível em: https://www.lojaofitexto.com.br/dicionario-da-educacao-do-campo/p?idsku=2003777&gclid=CjwKCAjwgISIBhBfEiwALE19Sb_Nm3aXdV6VTOWJ1mxE8xdGK791tgOgQxNjfgorbq6mjGCRGrZatBoCCKgQAvD_BwE. Acesso em: 28.07.2021

⁴ Frequentemente relacionadas, específicas da indústria. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=o+que+%C3%A9+organiza%C3%A7%C3%A3o+guarda+chhuva&oq=o&aqs=chrome.0.69i59j69i57j69i59l2j0i271j69i60l3.461039j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 28.07.2021

outras áreas o grupo promove recursos e frequentemente uma identidade para as pequenas organizações.

Nesse tipo de união há várias razões para a criação/junção a uma organização tipo guarda-chuva que é de alguma forma responsável pelos grupos sob seus cuidados e pode ser comparada com as franquias e filiais.

A Educação do Campo é fruto de uma mobilização social e histórica de lutas e reivindicações que vêm acontecendo desde os anos 60, a partir da proposta de pedagogias libertadora de Paulo Freire e ampliada pelo protagonismo dos movimentos sindicais do Campo, pelas organizações sociais de Educação, pelas pastorais e ONGs, pelas escolas de formação políticas, entre outras, vivenciadas em diversos lugares deste país.

Vale ressaltar ainda, o embate classista onde se acirram os projetos de campo em contraponto às lógicas do agronegócio, assim estreita-se o veículo entre Educação do campo e projeto de sociedade numa perspectiva da construção de políticas públicas que priorizam a formação humana do indivíduo.

Estabelecendo uma relação espacial entre o conceito citado e o contexto caririzeiro, no qual estamos inseridos ressaltamos que os embates são estabelecidos via órgãos normativos dos sistemas de ensino, noutras palavras, as secretarias de educação que priorizam uma concepção de ensino-aprendizagem, direcionada para os centros urbanos, nas sedes dos municípios. Assim cada escola situada fora da sede torna-se ponto e foco de resistência perante as lógicas de educação em vigência.

A permanência da escola situada no espaço campesino nem sempre garante que esta instituição desenvolva e priorize um projeto de educação que dialogue com a formação humana, assim não basta apenas a escola está no campo é importante que ela desenvolva práticas e ações educativas que priorizem acima de tudo, os sujeitos para qual ela se destina.

É necessária uma intencionalidade educativa que rompa com os padrões e práticas de educação pré-determinados, fato este que no contexto caririzeiro, ainda estamos em processo de construção as lutas maiores e as batalhas que são travadas estão relacionadas ainda, a exclusiva permanência da escola nas comunidades campesinas.

É uma educação que vem para dar visibilidade aos povos do campo, nas suas produções agrícolas, nas dificuldades de acesso à escola, às tecnologias e ao desenvolvimento social e cultural, neste sentido foi preciso que houvesse a criação de políticas públicas voltadas para esses grupos sociais, garantindo o acesso à educação de qualidade e a permanência desses sujeitos no campo.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, doravante LDB, no. 9.394/96, em seu artigo 28º a oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região.

Isto implica em que o ensino deve ser adequado a cada realidade desses sujeitos melhorando o acesso à educação de qualidade nas suas comunidades cuja adequação veremos através dos eixos a seguir.

2.2.1 Eixo Articulador e Eixos Temáticos

Para compreender o processo e o fenômeno da Educação do campo faz-se necessário articular objetivos e sujeitos que estão relacionados diretamente às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais em territórios campestinos.

O Eixo Articulador a CONVIVÊNCIA E SUSTENTABILIDADE NO SEMIÁRIDO⁵, e os eixos temáticos dele derivados, concordando com Alencar (2017, p. 08) trazem um grande benefício para esta prática articulada:

A perspectiva de trabalhar com projetos curriculares, eixos temáticos ou temas geradores integrados favorece a “coletividade”, uma vez que os profissionais da educação envolvidos no processo tornam-se participantes, articulando-se em torno de metas comuns a serem encaradas de maneira cooperativa e responsável frente ao grupo.

Os Eixos Temáticos, por sua vez, são entendidos como problemáticas centrais a serem focalizadas nos conteúdos escolares do processo de ensino-aprendizagem da Educação do Campo sendo também norteadores dos planejamentos pedagógicos.

Quadro 1 - Eixos Temáticos Adotados pela Educação do Campo

1º IDENTIDADE, GÊNERO E RELAÇÃO ÉTNICO - RACIAIS;	2º TRABALHO E MEIO AMBIENTE NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO;
3º ARTE, CULTURA E DIVERSIDADE NO SEMIÁRIDO;	4º COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS NO SEMIÁRIDO.

Vale destacar que segundo as diretrizes operacionais para o funcionamento das escolas, o município de Sumé existe escolas do campo que trabalham uma proposta voltada

⁵ Eixo determinado na Proposta Curricular da Educação do Campo Semec/Sumé

para a Convivência com o Semiárido na perspectiva de uma educação que dá possibilidades de formação dos sujeitos sociais do campo, através de práticas inovadoras nas referidas escolas.

Os sujeitos do campo vêm desmistificando a ideia de que o campo não é lugar de viver e que os filhos dos agricultores não são capazes de terem uma profissão, cada dia que se passa os agricultores e agricultoras tem vontade de continuar produzindo no campo para alimentar os povos das cidades, são convictos que o campo é sim um lugar para se viver, para educar os filhos, para produzir e para colher bons frutos, só faltam oportunidades que garanta de fato a sobrevivência e a permanência destas famílias no campo vivendo da agricultura.

A proposta apresenta o itinerário metodológico voltado aos saberes cotidiano/comunitários dos estudantes com os conteúdos disciplinares despertando o pensar pela comunidade tanto rural quanto urbana, possibilitando-os conhecerem suas histórias, seus espaços e seus ambientes sociocultural/ambiental, tendo em vista a própria identidade contribuindo para uma nova percepção e relação com o Semiárido.

A Educação Contextualizada tem sido fundamental para a metodologia utilizada pelas pedagogias no campo, como também com trocas de experiências entre os professores, comunidades e estudantes, buscando inovações e conhecimentos diversos, facilitando o processo de ensino/aprendizagem. Isto significa que o professor precisa estar sempre pesquisando e compreendendo o espaço do outro, para que o sujeito encontre-se dentro do currículo desenvolvido na sala de aula.

Enfim, a educação contextualizada nas escolas do campo abre percursos para abranger os processos formativos, para elaboração de percepções dentro da vivência de cada pessoa, levando em consideração também as particularidades de cada um.

3 A EDUCAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

3.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL

A educação especial vem sendo motivo de discussões e estudos teóricos tanto no Brasil como em outros países. Aranha (2000) relata que por se tratar de um contexto histórico, onde as escolas continuavam negando os direitos das pessoas com deficiências, que eram tratados como incapazes de estarem inseridos em um ambiente escolar para ter uma educação digna da igualdade.

A educação foi pensada a partir de algumas declarações como: A Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, onde presa pela igualdade, os valores fundamentais e a diminuição da discriminação social; a Declaração Mundial de Educação para todos em 1990 e a Declaração de Salamanca em 1994, entre outras, que discutem sobre a discriminação das pessoas com deficiências.

A educação na perspectiva inclusiva é entendida como o primeiro passo para a realização deste processo e possui na instituição escolar um lugar para o exercício da cidadania e da garantia a esse direito, desta forma começam a pensar como estas crianças ou jovens deveriam estar inseridos no âmbito escolar, recebendo uma educação de qualidades para todos.

Mesmo pensando nos métodos pedagógicos adaptados às pessoas com deficiência, cada grupo com suas especificidades, onde de acordo com Menezes (2012) às condições estruturais e educacionais não é o suficiente; precisam de muito mais para que estudantes não fiquem no prejuízo, sem o acompanhamento especializado no processo de ensino e aprendizagem.

A partir de tais condições sociais, foram implementadas novas leis, tanto municipais quanto estaduais e federais, que defendem os direitos das pessoas especiais, facilitando o acesso à escola, aos atendimentos especializados, ao ensino de qualidade junto com outras pessoas, a acessibilidade, entre outros.

Diante destas realidades ainda encontramos situações lamentáveis de exclusão, tanto nas instituições de ensino, nas famílias e em outros espaços da sociedade onde estas pessoas estão inseridas. As Políticas Nacionais de Educação Especial vêm em uma perspectiva de inclusão, garantindo que todas as pessoas com ou sem deficiências sejam capazes de viverem uns com os outros respeitando as diversidades.

É importante destacar que a educação especial, dentro da óptica da educação contextualizada necessita ser compreendida à luz dos espaços e dos sujeitos que vêm a desenvolver a referida ação, juntamente com uma fundamentação teórica consistente que embasa as proposições.

Entre as políticas públicas que foram criadas com o propósito de fomentar a inclusão de crianças com transtornos e síndromes, na educação, destacou-se a aprovação de um documento chamado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, aprovado em 2007, pelo Ministério de Educação e Cultura, (BRASIL, 2007) com o objetivo de atender o movimento mundial de Educação para Todos.

Necessitamos problematizar as legislações, trâmites e os processos para sua real efetivação. Seja no campo ou na cidade e os impactos positivos de seu cumprimento, bem como os impactos negativos causados pela ineficiência e burocratização inerente a determinados segmentos sociais.

A inclusão escolar, na atualidade, é uma das políticas que têm potencializado, nas últimas décadas, a escolarização dos jovens. Os documentos internacionais e a legislação brasileira têm contribuído para difundir o conceito e normatizar as práticas pedagógicas inclusivas, que envolvem, de um modo geral, o ensino regular e a Educação Especial, entre eles:

(a) A Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU). Desde 1947, o Brasil tem uma representação na ONU e lá são organizados/elaborados projetos para o desenvolvimento social do país através das parcerias com o governo federal, estadual e municipal.

(b) Declaração Universal dos Direitos da Criança (ONU, 1959) – Nela consta que as crianças têm direitos à igualdade, sem distinção de raça, idioma, religião, opiniões políticas ou de outras naturezas ou nacionalidade.

(c) Declaração da Conferência Mundial de Educação para Todos (Conferência de Jomtien-UNESCO, 1990). Esta traz uma satisfação em atender as necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos dentro de um processo possibilitando ao mesmo o respeito às diferenças e a responsabilidade de estarem adquirindo e aprimorando a cultura linguística de cada indivíduo.

(d) Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação (UNESCO, 1994). Proclama os direitos do homem e dentre eles o acesso à escola regular como direito de indivíduos com necessidades especiais.⁶

Podemos citar ainda o Decreto nº 6.949/2009 que promulgou a Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência. De acordo com Lima e Lalane (2016, p. 270) no Brasil, a legislação incorpora os princípios dos documentos internacionais.

Leis e documentos difundem e sustentam a inclusão. Entre os principais, encontram-se: a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988); o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei n.8069 (BRASIL, 1990); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei n. 9394 (BRASIL, 1996); o Plano Nacional de Educação – Lei n. 10172 (BRASIL, 2001a, 2014); às Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001b).⁷

A legislação sobre inclusão na educação é vasta e densa, mas para ser efetivada enfrenta constantes desafios. Deve-se levar em consideração a especificidade da criança, as condições estruturais da escola, a preparação e formação dos profissionais e outras pessoas que participam dos processos de inclusão e, infelizmente, ainda hoje existe um abismo entre as leis e sua aplicabilidade.

As instituições de ensino necessitam de profissionais com formação específica para atender as demandas das crianças e jovens com deficiências que estão tendo a oportunidade de estudarem no ensino regular.

Para que isso ocorra faz-se urgente a abertura de concursos públicos e de forma provisória a contratação de professores regentes especializados, tradutores/intérpretes de Libras, brasilitas, cuidador educacional, professores especializados para as salas de Atendimento Educacional Especializado, etc., que atendam as reais necessidades dos estudantes.

⁶ Além dos acima citados, ainda há o Programa de Educação Inclusiva: direito à diversidade (BRASIL, 2003), Programa de Implementação de Salas de Recurso (BRASIL, 2007), Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial (BRASIL, 2009b) e o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Viver sem Limite (BRASIL, 2011).

⁷<https://www.google.com/search?q=as+Diretrizes+Nacionais+para+Educa%C3%A7%C3%A3o+Especial+na+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%AAsica&aq=as+Diretrizes+Nacionais+para+Educa%C3%A7%C3%A3o+Especial+na+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%AAsica&aqs=chrome..69i57j0i22i30l6.5563j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

3.2 A DIVERSIDADE NO MUNDO AUTISTA

De acordo com Gaiato e Teixeira (2018) o Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por uma condição comportamental onde a criança apresenta dificuldades de comunicação e interação. Citamos como um dos exemplos entraves no desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal. Acrescentamos ainda que 50% das crianças com TEA apresentam, também, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Nos escritos de Bosa (2002) o desenvolvimento de indivíduos com autismo é caracterizado por déficits na comunicação e na interação social. Entretanto, chama-se a atenção para o retrato caricaturado desses indivíduos como sendo não comunicativos e não interativos. Há evidências substanciais de que crianças com autismo engajam-se e respondem a interações sociais, apresentam comportamentos afiliei-vos, vocalização em direção ao parceiro, participação em brincadeiras e comportamentos indicativos de apego.

Para compreender as práticas de uma educação contextualizada que favoreça o ensino/aprendizagem de uma criança com autismo, é necessário entender o contexto histórico do educando, para que a escola busque estratégias voltadas às necessidades dos mesmos, garantindo a inclusão igualitária no processo educativo.

Os processos que envolvem a inclusão da criança autista na educação escolar precisam de múltiplas articulações entre: familiares, profissionais da escola e profissionais da saúde, para que num determinado tempo o estudante venha a desenvolver sua autonomia e processos de sociabilidade. Segundo Gaiato e Teixeira (2018, p.13).

(...) o autismo ou transtorno do espectro autista como uma condição comportamental em que a criança apresenta prejuízos ou alterações básicas de comportamento e interação social, dificuldades na comunicação, por exemplo, na aquisição de linguagem verbal e não verbal, alterações na cognição e presença de comportamentos repetitivos ou estereotipados.

O estudo do autismo vem sendo de grande relevância para os profissionais da educação, pois ajuda compreender e lidar com o comportamento do estudante com essa necessidade, bem como é desafiante, por isso recorre-se a equipe escolar e alguns profissionais de saúde.

Acreditando na potencialidade da criança com TEA, é possível fazer adequação do currículo, possibilitando a compreensão e o desenvolvimento de habilidades fundamentais para o convívio social, respeitando as particularidades do estudante.

As crianças autistas atingem a evolução esperada de acordo com as estratégias elaboradas exclusivamente para elas, sendo que essas evoluções ocorrem no tempo da criança, mesmo sendo trabalhada em sua faixa etária.

Tendo como parâmetro os estudantes ditos normais, conforme a criança cresce as dificuldades irão se evidenciando, como por exemplo, a dificuldade de se relacionar com outras pessoas fazendo com que seja desafiante a interação social.

As informações expressas nos dão a impressão de que a criança está fechada num mundo particular e não consegue socializar com outras crianças. De acordo com Gaiato e Teixeira (2018, p.14-15) “*De modo geral, o transtorno do espectro autista pode se apresentar de diversas formas compreendendo um universo de possibilidades sintomatológicas, cada caso apresentando particularidades individuais que merecem cuidados e intervenções*”.

Uma característica do autista, é um movimento repetitivo em que ele se estimula buscando sensações físicas de prazer, seria uma forma de reduzir sua ansiedade ou se organizar diante de uma situação desconfortável podendo ser uma maneira de buscar conforto e estabilidade emocional.

O universo do transtorno de espectro autista traz inúmeras complexidades com características particulares, por isso cada indivíduo é um caso a ser estudado por grupos de profissionais, médicos e educacionais, e analisado também pelas famílias, entre outros especialistas.

É importante percebermos as especificidades da criança autista para melhor atender às suas necessidades educacionais. Para isso, torna-se importante o olhar voltado para o autista levando em conta todas as possibilidades de intervenção com respeito ao sujeito.

Em relação aos principais níveis de autismo, de acordo com uma pesquisa realizada em site especializado⁸, podem-se destacar múltiplos níveis. Além dos diferentes tipos de autismo, também existem variações em relação aos níveis de gravidade. Eles são:

Nível 1 (Leve)

As crianças apresentam dificuldades para iniciar a relação social com outras pessoas e podem ter pouco interesse em interagir com os demais, apresentando respostas atípicas ou insucesso a aberturas sociais. Em geral, apresentam dificuldades para trocar de atividades e problemas de planejamento e organização.

Nível 2 (Médio)

⁸ <https://blog.psicologiaviva.com.br/tipos-de-autismo/>.

As crianças podem apresentar um nível um pouco mais grave de deficiência nas relações sociais e na comunicação verbal e não verbal. Têm limitações em iniciar interações sociais e prejuízos sociais aparentes mesmo com a presença de apoio. Além disso, são mais inflexíveis nos seus comportamentos, apresentam dificuldades com a mudança ou com os comportamentos repetitivos e sofrem para modificar o foco das suas ações.

Nível 3 (Grave)

Nesse nível, existem déficits bem mais graves em relação a comunicação verbal e não verbal, além de dificuldades notórias para iniciar uma interação social, com graves prejuízos de funcionamento. Também apresentam dificuldade extrema em lidar com a mudança e com comportamentos repetitivos – o que interfere de forma mais acentuada no seu funcionamento. Ainda contam com grande sofrimento para mudar o foco das suas ações.

De acordo com as nossas análises, bem como com os nossos acompanhamentos, Estrela, associa-se ao nível 2, pois caracteriza-se por comportamentos ativos e resistências (no início das observações) a atividades grupais. Em relação a comunicação verbal e não verbal, percebe-se que seu repertório ainda está em desenvolvimento.

3.3 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA A ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA

A história da criança autista inicia-se a partir do momento que ela vai se desenvolvendo, para isso temos o ponto de entrada da família, mais precisamente muitas das vezes a mãe que sente e percebe diferentes comportamentos do filho(a).

No entanto é difícil e demorado o processo de acreditar que a criança tem aspectos distintos, porém a família é o ponto crucial para a aceitação e adaptação com o sujeito, mas é necessário que a Base Familiar busque ajuda para compreender essa especificidade.

As formas de desenvolver as habilidades das crianças autistas nem sempre são fáceis e exigem esforços de todos ao redor, não apenas dos responsáveis diretos. Neste sentido os pais precisam também de um apoio para que assumam seus papéis de pais de crianças com necessidades especiais.

A família pode colaborar de maneira muito especial para o desenvolvimento da criança portadora de autismo na escola, principalmente fornecendo aos profissionais da educação as informações sobre as formas de comunicação da criança. Havendo pelo menos

uma forma de comunicação utilizada pela criança, as outras podem ser desenvolvidas (Peteeer, 1998, *apud* Serra, 2010).

A família é fundamental para dar o diagnóstico inicial da criança quando a introduz dentro do ambiente escolar, apontando algumas vivências e comportamentos. A partir disso começa uma parceria entre família e escola com os objetivos de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Para compreender as práticas de uma Educação Contextualizada que favoreça o desenvolvimento da criança autista, faz-se necessário, formações que atendam as necessidades profissionais do docente para que possa construir propostas de sociabilidades metodológicas com o estudante que possui as dificuldades inerentes ao autismo.

Outro elemento que é fundamental nessa contextualização e nesse processo de ensino-aprendizagem é a interação da família para que a mesma possa colaborar com as propostas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar, ou seja, profissionais da educação, familiares e a criança precisam estar em sincronismo de ideias tendo como objetivo maior o desenvolvimento do estudante.

Múltiplas são as possibilidades de interações didático-pedagógicas que podem ser desenvolvidas com a criança autista. Faz-se necessário levar em consideração o espaço escolar bem como o espaço do cotidiano familiar onde a criança está inserida.

Necessário também construir uma atmosfera onde o estudante possa desenvolver suas habilidades mesmo apresentando determinadas dificuldades ou desafios que são inerentes à criança que possui essa deficiência.

Um elemento que se caracteriza como fator fundamental nos processos para a construção da aprendizagem da criança autista dentro da contextualização é a afetividade e a confiança, que precisa ser construída entre o docente e o discente.

Assim, a partir do momento que esse elemento estiver solidificado, as atividades direcionadas para a criança precisam possuir sentidos fundamentados em seu cotidiano e da sua rotina para que a aprendizagem se caracterize como significativa dentro das condições espaciais onde o estudante está desenvolvendo seu raciocínio.

Contextualizar propostas de atividades para criança autista dentro de um contexto de Educação do Campo se caracteriza como um fator ímpar para construção do desenvolvimento cognitivo do estudante. Dentro desse processo o uso de recursos didáticos, os espaços de vivência e as pessoas que estão afetivamente vinculadas ao estudante, necessitam de um olhar processual para compreender o que foi construído de forma significativa.

É necessário também estar atento ao que precisa ser revisto e melhorado para que a criança obtenha resultados positivos nas propostas de atividades que venham a ser desenvolvidas. É importante estabelecer uma análise processual dos avanços, das dificuldades e limitações daquilo que pode ser repensado para melhorar as relações sociais na resolução de atividades com o objetivo de potencializar e dinamizar a autonomia cognitiva do estudante.

A escolarização da criança autista precede fatores que precisam ser levados em consideração dentro do processo de ensino-aprendizagem. Esses fatores necessitam ser compreendidos dentro das dimensões familiares, educacionais e legislativas.

No que concerne às dimensões familiares, é importante compreender as condições que estão relacionadas ao contexto onde a família encontra-se situada. Ou seja, os fatores locais e familiares influenciam na dinâmica de socialização que potencializa a sociabilidade da criança no interior da escola.

De acordo com Gaiato e Teixeira (2018), é importante acontecer também um acompanhamento junto aos familiares da criança para que os processos de ensino e aprendizagem se desenvolvam de forma conjunta e significativamente priorizando tempos, espaços e contextos onde a criança está inserida.

Fatores de escolarização, fatores econômicos e fatores culturais precisam estar em sincronismo para que o processo de escolarização e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem significativo e afetivo para criança autista.

Para compreender a escolarização e os processos de ensino-aprendizagem que envolve crianças autistas é importante analisarmos também, que o referido público adentrou os espaços escolares e os docentes não estavam preparados para lidar com as especificidades inerentes aos estudantes com o transtorno do espectro autista.

Assim, logo, faz-se necessário, formações continuadas para que os processos de ensino e aprendizagem sejam direcionados para os referidos estudantes não com intuito de segmentar, mas com o intuito e a proposição de incluir os mesmos nas turmas de ensino regular respeitando e salvaguardando as suas especificidades.

O direito à escolarização dos alunos com necessidades educacionais especiais em escolas é garantido por lei desde a constituição de 1988, a ramificação desse direito através de estudos trazem políticas educacionais especiais para educação inclusiva.

Para isso nota-se a importância da função da escola no contexto ensino-aprendizagem para inclusão do sujeito levando em consideração a dificuldade e a preocupação dos profissionais da educação para atender os alunos com transtornos do espectro autista em suas salas de aula, visto que as escolas não têm recursos para tal.

As práticas pedagógicas estão sendo aleatórias pelos professores no ensino regular na tentativa de escolarizar alunos diagnosticados com autismo. Briant e Oliver (2012, p.50) afirmam que:

Utilizar estratégias pedagógicas diferenciadas é, sem dúvida, uma vertente para igualar as oportunidades, mas para que os docentes as utilizem, é necessário que reconheçam seus alunos como sujeitos capazes de aprender, para que assim, possam favorecer a construção de uma educação de qualidade para todos.

Precisamos compreender os estudantes com Transtorno do Espectro Autista dentro de suas especificidades e nunca tratá-los ou inferiorizá-los perante os demais estudantes, esta ação está relacionada a profissionalidade docente que o professor necessita desenvolver e construir dentro do espaço escolar.

Outra estratégia que torna-se fundamental dentro do processo de construção de ensino e aprendizagem do estudante autista é inseri-lo dentro de grupos para potencializar as relações de sociabilidade.

De acordo com Cunha (2012, p. 54), “*as atividades devem possuir caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico*”, proporcionando a qualidade de vida, o vínculo afetivo entre professor e aluno, auxiliando o trabalho em grupo do aluno com autismo com os colegas, bem como suas habilidades em atividades individuais.

Nas palavras de Barberini (2016) é fundamental entendermos nesse contexto que o currículo deve extrapolar as concepções do Déficit do Estudante para assim tornar a prática pedagógica mais significativa e suas experiências educativas desenvolva no estudante a vontade de aprender.

4 O TERRITÓRIO PARAIBANO: UM BREVE OLHAR

4.1 A CONSTITUIÇÃO DO CHÃO PARAIBANO⁹

O estado da Paraíba, é uma área na qual foram protagonistas, em seu aparecimento, os povos portugueses e franceses quando chegaram ao Brasil, havendo algumas lutas e resistência por parte dos primeiros habitantes, as várias etnias indígenas.

O estado da Paraíba é um dos nove estados que compõem a região Nordeste, que possui o maior número de estados da unidade federativa. Faz divisa com os estados do Rio Grande do Norte ao norte, Pernambuco ao sul, Ceará ao oeste e o Oceano Atlântico à leste.

No Século XX, a Paraíba foi um dos centros da chamada Revolução de 30, que marcou o fim da República Velha no Brasil. Nesse período, ocorreu o assassinato do então o governador do estado da Paraíba que era vice na chapa presidencial de Getúlio Vargas.

O território do estado da Paraíba que possui atualmente 223 municípios numa extensão de 56.467,242 km² está subdividido em quatro Mesorregiões: Sertão Paraibano, Borborema, Agreste Paraibano e Mata Paraibana, a saber:

1. Sertão Paraibano

A mesorregião do Sertão paraibano é composta por 83 municípios agrupados em sete microrregiões. Caracteriza-se como uma área bastante utilizada para o turismo, seja na zona urbana ou zona rural.

Outro ponto muito forte são as religiosidades e culturas existentes na área do Sertão paraibano. Entre os lugares visitados pelos turistas que vêm conhecer o estado da Paraíba, pode-se destacar O Vale dos Dinossauros, que possui achados paleontológicos de mais de 130 milhões de anos onde fazem parte um acervo extremamente importante para ser visitado na cidade de Sousa.

Entre os territórios que são amplamente atrativos na mesorregião do Sertão paraibano está localizado o Brejo das Freiras que possui as águas termais. Merecendo destaque também a fazenda Acauã que está localizada no município de Aparecida.

⁹ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/paraiba.htm>. Acesso em 27-07-21. Fonte: Canal Mundo Educação, internet.

2. Agreste Paraibano

A mesorregião do Agreste é composta pela junção de 66 municípios que são aglutinados em oito microrregiões. A partir do momento que nos distanciamos do litoral no sentido ao interior nos deparamos com um relevo bem diversificado.

A predominância é de serras e vales, propícios a plantação em outras palavras, terras férteis, onde os mesmos apresentam vasto roteiro para o turismo unindo história, natureza e diversão.

De acordo com o IBGE (2019) a área dessa mesorregião é de 1.174,168 km² e divide-se em oito municípios: Alagoa Grande, Alagoa Nova, Areia, Bananeiras, Borborema, Matinhas, Pilões e Serraria.

3. Borborema

A mesorregião da Borborema é composta pela junção de 44 municípios que são organizados em quatro microrregiões. Entre as principais cidades desse território podemos citar: Prata, Sumé, Serra Branca, Boqueirão e Cabaceiras.

Predomina nesse território a vegetação da caatinga, área constantemente estudada pela extrema importância científica. Destaca-se ainda, nessa região o Lajedo do Pai Mateus, em Cabaceiras.

Neste lugar foi gravado o filme O Auto da Compadecida ficando assim o Lajedo muito famoso nacionalmente, bem como a cidade de Taperoá com a minissérie A Pedra do Reino, ambas inspiradas em obras do dramaturgo e escritor Ariano Suassuna.

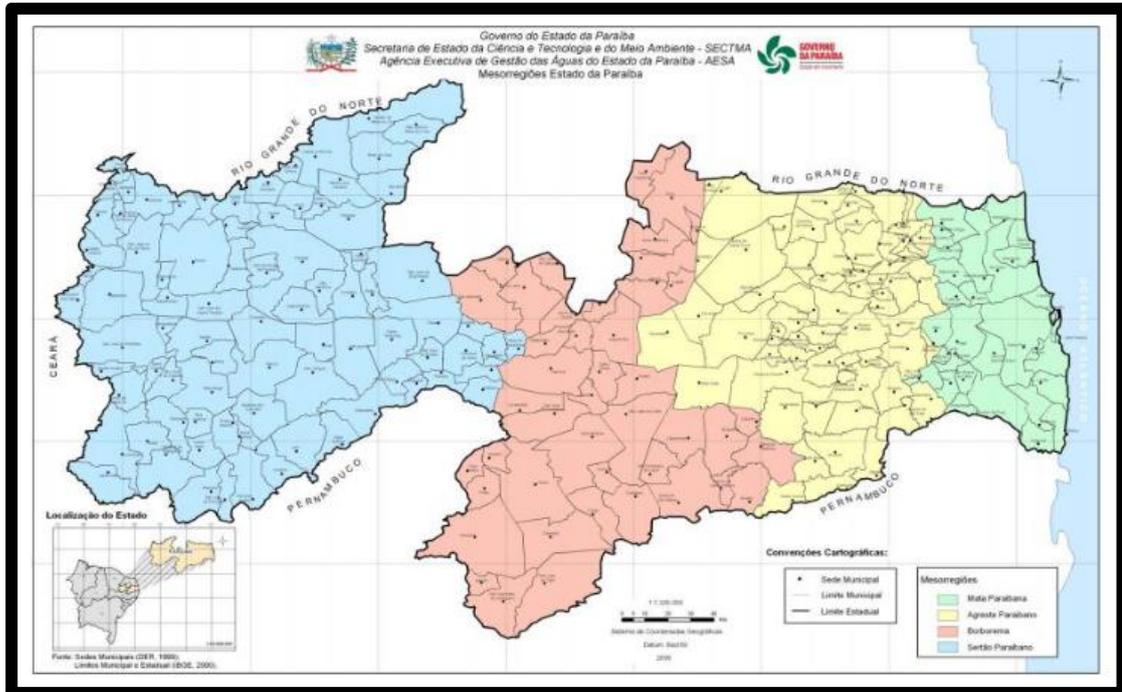
Além do cenário cinematográfico, a Borborema também tem uma diversidade de outros produtos bastante conhecidos, tais como: a produção de licor e a farinha da mandioca, o turismo e elementos da cultura popular como: danças, músicas e artesanatos.

4. Mata Paraibana

A mata paraibana é constituída por um conjunto de 30 municípios. O litoral sul abrange territórios municipais como João Pessoa, capital do estado, Cabedelo, Bayeux e outros. Entre suas principais características destaca-se a concentração populacional em toda faixa litorânea, fato este que potencializa o turismo no nosso estado.

Possuindo cerca de 130 km sua extensão esta área vai da desembocadura do Rio Goiana ao sul, onde se limita com o estado de Pernambuco, tendo na outra extremidade o estuário do Rio Guaju ao norte, fazendo divisa com o Estado do Rio Grande do Norte.

Mapa 1 - Mapa da Paraíba, da direita para a esquerda – Mata, Agreste, Borborema e Sertão.



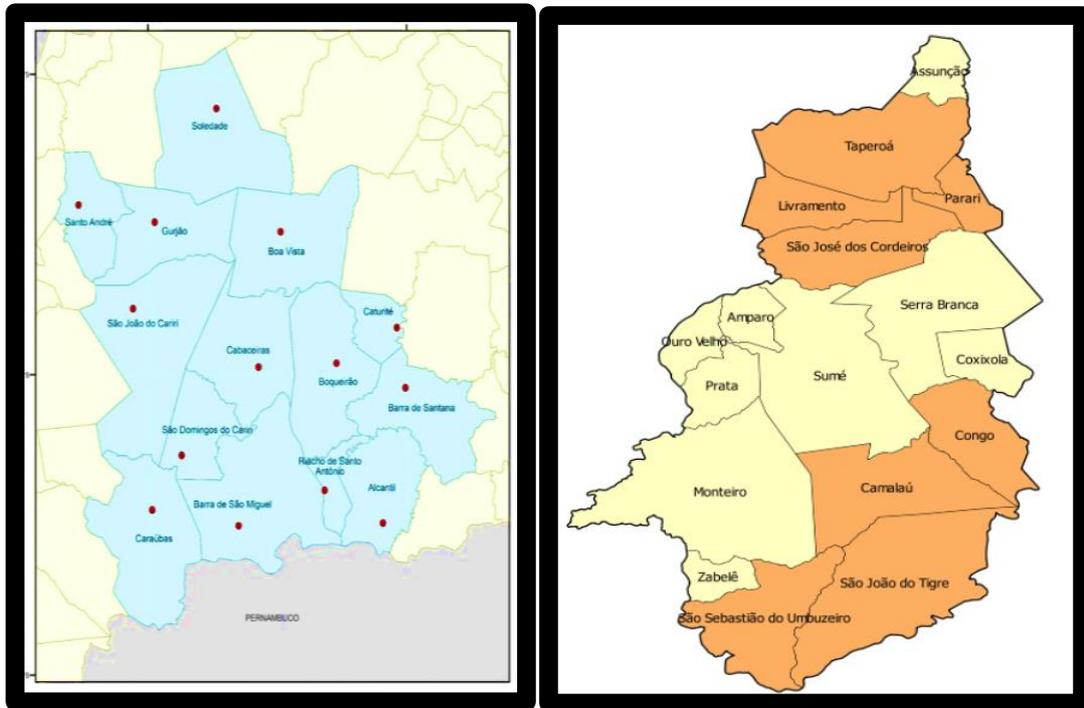
Vimos que cada Mesorregião possui suas especificidades, sendo esta a estrutura organizativa existente em nosso estado. Organização que leva em conta as características climáticas, territoriais e produtivas agrupando, municípios de acordo com suas semelhanças e suas especificidades que trataremos a seguir.

4.2 A CONSTITUIÇÃO GEOGRÁFICA DO CAMPO DE PESQUISA

Para fins do foco da pesquisa, iremos direcionar nosso olhar para a Mesorregião da Borborema. Parte integrante desta, encontramos a atual região do Cariri Paraibano originado do território denominado de Cariris Velhos, constituído, na época, pelos seguintes municípios: Soledade, Taperoá, São João do Cariri, Cabaceiras, Umbuzeiro e Alagoa do Monteiro, de acordo com o mapa abaixo:

4.2.1 Cariris Paraibanos: Oriental e Ocidental

Mapa 3 - Cariris Oriental e Ocidental



4.2.1.1 Cariri Oriental

A Área geográfica que compreende o Cariri Oriental localiza-se no trecho centro-sul do Estado da Paraíba, pertencente a mesorregião da Borborema, no Semiárido que entre outras possui como característica a precipitação média anual baixa menor que 500 milímetros.

Em sua vegetação predomina a Caatinga que possui áreas com plantas de pequeno e médio porte. Esta região apresenta características de relevo acentuado, sendo mais visível nas proximidades do rio Paraíba e, também de um de seus afluentes, o rio Taperoá.

Quanto ao solo são rasos e pedregosos, possuindo em grandes áreas uma estreita camada de material terroso que encobre as rochas. Seus minerais existentes numa diversidade significativa potencializaram a instalação de vários empreendimentos para extração e exportação desse recurso mineral. De acordo com dados do Resumo Executivo (2010)¹⁰, sobre os aspectos demográficos da microrregião do Cariri Oriental podemos destacar que a mesma é composta por 14 municípios, onde ressalta-se que de acordo com dados de 2007,

¹⁰Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio024.pdf Acesso em : 28-07-21. Fonte : Resumo Executivo Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável – PTDRS Território da Borborema – PB 2010.

oito destes municípios, apresentavam um contingente populacional rural mais elevado que os registrados na área urbana.

4.2.1.2 *Cariri Ocidental*

O espaço geográfico do Cariri Ocidental é composto por 17 municípios: Amparo, Assunção, Camalaú, Congo, Coxixola, Livramento, Monteiro, Ouro Velho, Parari, Prata, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sumé, Taperoá e Zabelê.

Entre estes, que fazem parte desta microrregião, pode-se destacar os que possuem a maior expressividade: Monteiro e Sumé, por possuírem uma infraestrutura que serve de referência para os demais municípios, em relação ao acesso à saúde, à educação e aos serviços bancários.

No que concerne ao clima da microrregião do Cariri Ocidental, pode-se destacar que o mesmo é caracterizado por chuvas de verão e outono com temperaturas médias anuais que variam em torno de 24° C e precipitações médias entre 350 a 700 mm.

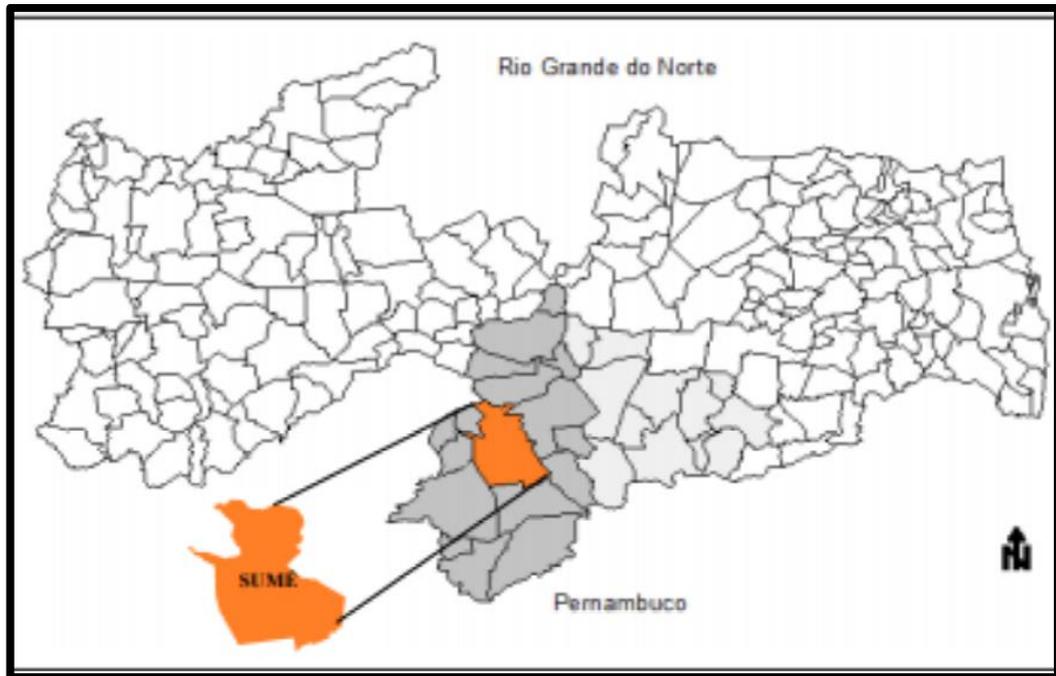
Sobre os aspectos populacionais de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019), há aproximadamente 128.265 habitantes, subdividido nos 17 municípios que compõem a referida microrregião.¹¹

Destacamos que o território do estado da Paraíba é amplo, plural e diverso. Isto desde a Mata paraibana, passando pelo Agreste paraibano, Borborema e Sertão. As características socioeconômicas e culturais transformam-se, pois cada uma delas possui suas especificidades territoriais, populacionais e culturais.

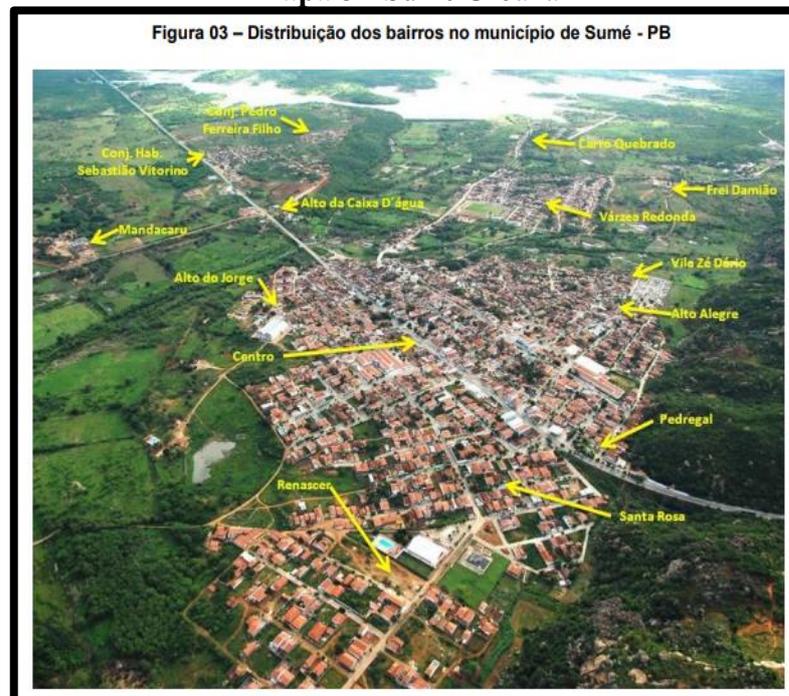
¹¹ **Fonte:** IBGE, 2019.

4.2.1.3 A cidade de Sumé

Mapa 4 - Sumé/PB – Adaptado do IBGE 2016¹²;



Mapa 5 - Sumé Urbana



¹² Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conadis/2018/TRABALHO_EV116_MD1_SA9_ID372_30112018180657.pdf. Acesso em 25.07.21. Fonte: Artigo Científico de José Marivaldo Leopoldo - Diagnóstico da Gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos do Município de Sumé – PB.

Parte integrante da Microrregião do Cariri Ocidental Paraibano (região dos Cariris Velhos) e inserindo-se na região de abrangência do semiárido brasileiro, fica a uma distância de 261 km da capital João Pessoa e a 134 km de Campina Grande (cidade em que estabelece relação direta).

De acordo com estudos realizados por Silva (2017), o município de Sumé, faz parte do Planalto da Borborema Central. Possui uma área de 838, 066 Km², limitando-se a São José dos Cordeiros (Norte), Camalaú e Monteiro (Sul), Congo e Serra Branca (Leste) e Amparo e Ouro Velho a (Oeste).

No campo econômico, Sumé apresenta sua base de sustentação com a agricultura, pecuária e o extrativismo. Além destes enfatiza-se, os setores de comércio e serviços, com a presença do comércio varejista (roupas, calçados, acessórios etc.) e da rede de supermercados que movimentam a economia do setor no município.

No âmbito educacional, destaca-se as escolas mantidas pela Prefeitura Municipal, que atendem a educação infantil, fundamental I e II, além do Ensino Técnico Integrado (curso técnico em Agropecuária), num total de 2.241 alunos matriculados em 2021.

De outro lado, a oferta do Ensino Médio na cidade de Sumé está concentrada em uma só escola, localizada no centro da cidade que é a Escola Estadual José Gonçalves de Queiroz com um total de 629 alunos matriculados, neste ano. ¹³

Sumé, apresenta-se no *hall* das cidades universitárias da Paraíba, dispondo de um campus da UFCG, o CDSA e da Faculdade do Cariri (UNICIR), com cursos voltados para o atendimento das demandas regionais, bem como direcionando ações e práticas que visem uma relação equitativa com o semiárido.

No próximo capítulo trataremos sobre a comunidade de Pio X e seus atores, depois iremos também, tratar sobre as contribuições de dois professores e uma Pessoa Responsável por Estrela (PRE - Mãe). Em seguida abordaremos a metodologia deste estudo e posteriormente apresentaremos as discussões da descrição e análise dos corpus.

¹³ Dados coletados junto à Secretaria Municipal de Educação e à secretaria da Escola José Gonçalves.

contextualizada frente às suas diversas necessidades, entre elas a de conviver com o Semiárido.

5.2 A ESCOLA MUNICIPAL NO PIO- X

A Unidade Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Bonifácio Barbosa de Andrade, doravante Escola Pio X, situa-se a 28 km da sede do Município. Com a nucleação da educação na zona rural, do município de Sumé, criou-se um polo educacional no Distrito de Pio X.

Com a finalidade de atender a todos os estudantes residentes no território campesino da referida região geográfica, a escola oferta aos discentes de 13 comunidades as seguintes modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II.

Fotografia 1 - Escola José Bonifácio Barbosa de Andrade



Fonte: Arquivo da própria da autora, 2021.

Neste ano de 2021, está com um total de 96 estudantes, cujo currículo da proposta de Educação do Campo, na perspectiva da contextualização, prepara os educandos para o ensino/aprendizagem além do chão da escola.

Assim, podemos destacar os anos de 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 quando da participação das Olimpíadas Brasileira de Matemática e Língua Portuguesa das escolas públicas uma estudante foi medalhista e bolsista na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).

5.3 PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM: PROTAGONISTA E COADJUVANTES

Uma pesquisa acadêmica é constituída dos indivíduos que dela participam, seja de forma direta e/ou indireta. Trazer pessoas na segunda forma de participação possibilita tratar o outro como igual, o que se traduz na importância da presença de atores locais.

Estes participantes, durante a coleta de dados trazem e contribuem com o acréscimo de informações ampliando a base de dados da pesquisa para além do pesquisado e do pesquisador e garante um processo desenvolvido num território maior nas mãos da comunidade local.

Todo o material coletado nos trouxe vários referenciais sobre as especificidades educacionais de Estrela. Para a melhor compreensão do (a) leitor (a) serão apresentados dois ou mais fragmentos de dados coletados. Consideramos importante, também, o olhar de profissionais e familiares que têm contato com o sujeito da pesquisa.

Por isso trouxemos aqui para uma melhor contextualização das atividades pedagógicas que serão analisadas posteriormente duas entrevistas, sendo: uma entrevista realizada com dois professores que já trabalharam com Estrela e outra entrevista com uma PRE.

5.3.1 Entrevista com professores

Os resultados das entrevistas realizadas com os professores, foram organizadas nas seguintes dimensões: Desafio e Inclusão e Estratégias e Metodologia. De acordo com a percepção dos professores sobre desafio e inclusão, os dois entrevistados consideram que a educação inclusiva é necessária e importante para o desenvolvimento do aluno.

Os professores tiveram durante as formações inicial e continuada, a temática discutida, mas a depender do curso, as discussões referentes à educação especial são abordadas com uma maior ou menor intensidade, e isso reflete diretamente na prática docente.

P1: *Sim, durante todas as minhas formações inicial e continuada houve discussões ao tema educação especial com o objetivo de encontrar meios que facilite o envolvimento de*

todos os alunos no meio escolar, pois as vivências e troca de experiências é de muita valia para o desenvolvimento de uma educação de qualidade.

P2: *Numa perspectiva de incluir todos os alunos dentro do contexto escolar, meu trabalho se encaixa na atual fase da educação “inclusiva” que visa garantir um trabalho onde atenda a todos, dentro do mesmo ambiente escolar, sem distinção, aproveitando o potencial de todos dentro de suas limitações [...] ou seja, trabalhar de forma que o estudante perceba que o espaço é para todos. [...] Houve poucas discussões pertinentes ao tema, atualmente sim, trata-se com bastante respeito.*

Os professores destacam que houveram em suas formações, inicial e continuada, debates e discussões referentes à temática da Educação Especial. Os mesmos veem a inclusão como algo muito importante, mas um deles sente a necessidade de mais capacitação na área, para ampliar o entendimento e o envolvimento dos estudantes no espaço escolar, potencializando uma educação de qualidade, sem nenhum tipo de distinção ou preconceito.

A educação especial é subdividida em quatro fases – Exclusão, Segregação, Integração até a atual Inclusão – segundo os professores se faz necessário um acompanhamento especializado juntamente com formações continuadas, para que ajude no processo de formação educacional do mesmo. É compreensível que a atuação docente com crianças autistas traga desafios que devem ser enfrentados e estudados minuciosamente, já que se trata de uma especificidade inerente ao contexto escolar.

Quando perguntado sobre os desafios de lidar com crianças com necessidades especiais, os professores ressaltaram que a falta de formação e de recursos didáticos tornam-se um fator negativo para o desenvolvimento de boas práticas dos estudantes com necessidades, se caracteriza como um dos grandes entraves aos profissionais da educação para saber lidar com esses desafios.

P1: *São vários desafios, segue alguns: carência de material didático para apoio adaptado; necessidade de profissionais da saúde para contribuir com o desenvolvimento da criança e acompanhamento da família, necessidade de cuidador para locomoção, contribuição e acompanhamento do aprendizado do aluno, [...].*

P2: *A falta de uma formação que realmente forme nós profissionais para que possamos saber lidar com tantos desafios. Precisamos desenvolver um trabalho de forma contextualizada e para isso é necessário o apoio de todos que fazem a educação, realizando reuniões, planejamento e engajamento para juntos buscarmos soluções a fim de garantir uma educação igualitária de maneira que atenda a todos sem distinção. [...] de forma que o aluno se sinta bastante incluído em todo momento.*

Em relação aos desafios enfrentados dentro da sala de aula, os professores destacaram que para superá-los é fundamental trabalhar de forma contextualizada onde o estudante tenha a percepção e o sentimento de estar participando de modo ativo do processo ensino/aprendizagem.

Existem desafios encontrados na sala de aula, e é fundamental que o professor entenda o processo e construa estratégias direcionadas para inclusão, sendo que estas práticas devem ser desenvolvidas na escola de forma contextualizada.

No que diz respeito à estratégia e metodologia referente à aplicação de métodos e estratégias, observou-se que os professores não usam materiais pedagógicos voltados para criança autista, utilizam procedimentos que eles mesmos criaram para facilitar o aprendizado.

As estratégias são a partir das temáticas discutidas em sala de aula, pensadas para atender as especificidades da criança por meio das práticas. Exemplo: Quando for trabalhar gráfico, construir o material manipulável tipo um gráfico de barras com caixas de fósforos para a criança praticar durante as discussões, levar jogos, brincadeiras, figuras entre outros recursos no seu plano de rotina.

Sabendo que o autismo é muitas das vezes confundido com TDAH, diante do comportamento, quando as mesmas não possuem um diagnóstico precoce, mas as atividades com este público devem ser mediadas com estratégias que chame atenção das crianças através de jogos didáticos com brinquedos e brincadeiras direcionadas.

Para atuar no contexto escolar de forma inclusiva, é imprescindível o desenvolvimento de estratégias metodológicas que atendam diretamente as habilidades que necessitam para alcançar os objetivos de aprendizagem da criança autista.

P1: *“Acho que não existe uma fórmula pronta, porém utilizamos algumas estratégias: adaptação do ambiente, para que sintam-se bem, com imagens que chamem atenção, socialização do aluno dentro da turma e no meio escolar, adaptar atividades interessantes e utilizar vários tipos de avaliações.”*

P2: *“Em todo momento incluir o aluno, em todas as atividades já são elaboradas para que o aluno participe de todas. A criança autista participa das atividades coletivas e individuais, dentro de suas limitações e no seu tempo. Portanto devemos estar preparados para planejarmos atividades e procurarmos estratégias de ensino que possam atender a todos.”*

As estratégias metodológicas apresentadas pelos professores é trazer o aluno para a proposta pedagógica através de atividades dinâmicas que chamem atenção, tentando assim socializá-lo nos meios escolares.

É fundamental construir estratégias e adaptá-las às reais necessidades do estudante com necessidades especiais fazendo uso de imagens e outros recursos metodológicos que tornam atrativos para o desenvolvimento da criança autista através das práticas contextualizadas, um fator primordial é o planejamento de atividades que possam vir a incluir todos os estudantes.

Os processos avaliativos devem ser pensados e direcionados para atender os objetivos esperados dentro da atividade que foi previamente planejadas e voltadas para as práticas contextualizadas desenvolvidas na turma multisseriada. Proporcionando a inclusão da criança autista nos aspectos individuais e coletivos.

Quando perguntado sobre o desenvolvimento da criança autista o **P1** disse que *a referida criança possui aprendizados significativos, pois, as atividades já são desenvolvidas para propiciar uma ampla participação do mesmo.*

É perceptível o desenvolvimento da criança autista na turma por estar sempre interagindo com os demais nas atividades tanto coletivas como individualmente, levando em consideração as suas limitações. É preciso, além de buscar formações continuadas, também se torna fundamental um apoio do Cuidador Educacional, para que o processo de ensino-aprendizagem flua, pois o mesmo é um profissional de grande relevância para dar assistência às crianças especiais.

Quando perguntado sobre as contribuições do cuidador educacional para o desenvolvimento da criança autista responderam que é muito importante ter o referido profissional e destacam ainda que o cuidador os que atuaram em parceria com eles desenvolveram um excelente trabalho para com a criança autista. Entre as funções deste profissional, uma delas é fazer o acampamento detalhado da criança, observando suas dificuldades e seus avanços em parceria com o docente.

P1: *“O cuidador educacional desenvolve um papel muito importante dentro da sala de aula em turma multisseriada com criança autista.” Ele deve estar lado a lado com o professor, nas reuniões, planejamento e tudo que faça parte da turma, até porque o cuidador trabalha em parceria e não apenas cuida, ele participa ativamente do desenvolvimento educacional e se envolve durante todo processo, por isso o cuidador é tão importante quanto o professor. P2: [...] posso afirmar que o cuidador desenvolveu um maravilhoso trabalho com a criança autista,*

Os professores frisaram a importância do cuidador educacional para acompanhar a criança no processo de ensino e aprendizagem, dando assistência ao docente em sala de aula a partir dos planejamentos. Mas também dizem que o mesmo devia ter formação que levasse a

compreensão de como ajudar a criança, não só na forma de cuidar, mas observar o que eles precisam para que tenham e adquiram aprendizados essenciais para sua vida. Segundo Lima (2016).

A inclusão escolar é uma das políticas que tem promovido, nas últimas décadas, a escolarização de todos os alunos. Os documentos internacionais e a legislação brasileira têm contribuído para difundir o conceito e normatizar as práticas inclusivas, que envolvem, de um modo geral, o ensino regular, a Educação Especial e as instâncias públicas e privadas (LIMA, 2016, p.269).

Como o trabalho foi produzido com retalhos significantes com teorias, experiências, relatos, trouxemos também, a fonte mais valiosa para a pesquisa, a família, que se propôs sempre estar junto em busca de conhecer o porquê do comportamento da criança, mesmo sem experiências.

Mesmo com uma formação inicial e continuada ainda, aquém das reais necessidades do estudante, pode se constatar que eles sempre buscaram estratégias para desenvolver uma proposta didática que se aproximou da realidade do estudante.

Consideramos que este diálogo com estes professores serviu para conhecermos e compreendermos mais as dinâmicas pedagógicas criadas para melhorar os processos de ensino-aprendizagem, numa relação dialógica, entre discentes e docentes.

Para ampliar nosso entendimento e nossa percepção em relação ao contexto e a criança pesquisada, trouxemos o olhar de uma pessoa que está próxima de Estrela. A mesma, através de algumas perguntas, nos apresentou significativas contribuições para termos um olhar ampliado sobre o estudante protagonista desta pesquisa.

5.3.2 Entrevista com uma PRE

Foi elaborada de forma cuidadosa e cautelosa uma série de perguntas para podermos dimensionar as atitudes e os comportamentos de Estrela em seu cotidiano familiar estabelecendo também relações com o seu cotidiano escolar familiar sendo estas as impressões de uma pessoa responsável que traz elementos importantes para a análise das atividades pedagógicas.

De acordo com o questionário de seis perguntas, a PRE respondeu por meio de áudio devido a pandemia do covid-19, todas as perguntas apresentando contribuições significativas para termos um olhar ampliado sobre o estudante protagonista desta pesquisa.

A entrevista resulta em respostas das quais vamos focar nos temas Família/Escola e Desafios. Quanto ao binômio família/escola na perspectiva da Educação Contextualizada é necessário o diálogo entre ambas para acontecer de forma satisfatória o desenvolvimento da criança. Os relatos contribuem para o entendimento e percepção em relação ao contexto da criança pesquisada.

A partir das observações é perceptível que a criança possui o transtorno do espectro autista porque apresenta um relacionamento interpessoal, riso inapropriado, não olhar nos olhos e nem se comunicava verbalmente.

Outro fator notado nas crianças autistas está relacionado às atitudes e/ou comportamentos, porém é necessário que as pessoas que estejam ao seu entorno (familiares) tenham sensibilidade e caso percebam um modo de agir diferenciado busquem um profissional da área da saúde.

Em relação ao primeiro binômio: família e escola, a PRE reforça que: *”Sim. Apresentava comportamento diferente dos outros irmãos, tipo brincar, não brincava com os irmãos, brincava só, aos poucos foi se adaptando com os irmãos quando foi crescendo aos poucos. Quando pequeno de tudo apontava, não falava, todo mundo falava que ele tinha alguma coisa, pra mim levar ele num médico, mais eu no começo, eu não me liguei muito que ele tinha algum problema, eu achava que com o tempo ele ia falar, com dois ou três anos e não falava e todo mundo dizia que ele tinha um comportamento diferente dos outros.*

De acordo com Gaiato e Teixeira (2018) a criança com o transtorno do espectro autista apresenta como características respostas repetitivas, dificuldades de linguagem e dificuldades de socialização e comunicação. A partir destes fatores torna-se urgente um diagnóstico para que se tenha um acompanhamento prévio para favorecer o desenvolvimento efetivo da criança.

Este comportamento de recusa por parte dos responsáveis é mais comum do que temos informações. Principalmente quando se trata do primogênito: *Ele é o primeiro (...) na verdade, então eu achava que era normal, tudo que apontava, já sabia o que queria. Achava que ele ia falar com o tempo. Na verdade, eu nem percebi, foi os outros que falava pra mim, foi bem tarde com 4/5 anos quando coloquei na escola, ela que percebeu e ajudou muito e também uma comadre minha que tem um sobrinho com autismo, veio na minha casa e percebeu e aí marcou a consulta com o Neuro para eu levar ele”.*

De modo geral os familiares mais próximos da criança com deficiência entram numa primeira fase denominada de luto e uma reação comum é negar a deficiência. Daí, ao analisar a resposta percebe-se que havia comportamentos diferentes da criança, mas a pessoa

responsável preferiu acreditar que com o tempo Estrela iria se desenvolver. A mesma via o atraso no desenvolvimento como algo normal. Outro fator contribuinte foi o fato de ser o primeiro filho na família.

A presença de pessoas mais experientes, neste caso a comadre, por ter um sobrinho autista, e a profissional da escola foram fundamentais para que os responsáveis pudessem sair da fase da negação (o luto) para a da posituação, ir à luta: ela aceitou e levou a criança ao médico, tendo um diagnóstico mais preciso.

A partir de um diagnóstico mais preciso e confiável, o mesmo suscitou uma nova fase: a dos Desafios. Estes necessitando serem vistos de forma mais clara e consciente, exigindo outras ações/decisões por parte da PRE.

A PRE relatou que: (...) *nem todas as mães estão preparadas para receber o diagnóstico constatando que seu filho é autista;* entre estes fatores podemos destacar a rejeição e o preconceito em relação a lidar com tal situação. Outros membros da família se manifestaram no momento. Disseram eles: (...) *ter uma criança autista não é o problema, mesmo sabendo dos desafios, a preocupação e o questionamento são: Como esta criança vai ser aceita na sociedade depois da confirmação do diagnóstico?*

A PRE continua, *É difícil. A gente lida com ele como se fosse um bebezinho, na verdade. A gente mima muito, faz todos os gostos dele, não impõe limites, eu sei que lá na frente vai prejudicar ele, porque ele precisa de limites, apesar de ser uma criança especial, a gente passa a mão na cabeça dele (...)* e acrescentou ao relato/entrevista *O desenvolvimento desde bebe até a escola foi difícil para ele se adaptar, coloquei ele na escola com 4 anos. Ele não ficava dentro da escola, fugia muito para fora da escola. Eu levava ele todos os dias, na verdade protegia demais e ainda hoje protejo. Graças a Deus hoje em dia está tudo bem!*

O significado, neste caso, de “está tudo bem” refere-se ao passado quando existiram dificuldades de adaptação da criança na escola, mas com a ajuda da equipe de profissionais da escola e a persistência familiar foi possível que Estrela permanecesse no ambiente escolar, tendo a oportunidade de conhecer outro espaço, além de sua casa.

A consciência dos familiares em relação a perceberem também que é preciso colocar limites na criança, para que futuramente o sujeito seja independente dos pais é fundamental, pois ter o acompanhamento e apoio da família contribui para que a criança dentro de suas limitações consiga se desenvolver, tendo uma proteção das pessoas próximas.

Por outro lado, as instituições educacionais têm um papel fundamental, em parceria com as famílias, para o desenvolvimento da criança autista, sendo necessário profissionais qualificados para atender as especificidades desses estudantes, como afirma a PRE: *A escola*

foi essencial para o desenvolvimento dele e muito. A professora dele contribuiu muito. Eu contei muito com a ajuda da escola, ainda hoje é, mesmo com a pandemia.

Esta acessibilidade atitudinal de aceitação, acolhimento quando posta em prática, inicialmente pela professora, junto às pessoas com deficiência nas dependências das instituições de ensino é sempre vista de forma positiva: (...) *A escola também teve que se adaptar para lidar com uma criança especial, foi difícil para eles também, porque as pessoas ao seu redor não entendiam o que ele falava, era a professora que sempre estava interpretando para elas.*

Este benefício positivo com a ampliação da acessibilidade atitudinal por parte de vários membros da equipe de profissionais da instituição de ensino também não passou despercebido por quem é responsável por Estrela: (...) *Mas se acostumaram bem, tanto o diretor até os professores, as atividades são diferenciadas, os professores se esforçam muito, então é uma ótima escola, até hoje, eu só tenho a agradecer, por tudo que fizeram e fazem (...)*

Podemos perceber na fala da pessoa entrevistada que a trajetória de Estrela a desafiar o tempo todo tendo que lidar perante as fases e descobertas, mesmo já existindo uma boa adaptação na escola: (...) *está junto com a escola é motivo de oportunidades dele adquirir conhecimentos importantes para o desenvolvimento dele, expressa a sua alegria em saber que tem alguém que possa estar junto a ela nesta busca.*

Uma melhor compreensão da situação deu-se no decorrer do tempo, principalmente quando a criança foi para o ambiente escolar, mas como vemos a família não desistiu de lutar pelos direitos do mesmo e seu primeiro passo foi buscar ajuda com um profissional da saúde.

Desde então foi surgindo a parceria entre escola, família e saúde, com o objetivo em comum, o desenvolvimento cognitivo, social e cultural na diversidade do espaço tido como “normal” com a inserção do estudante de transtorno do espectro autista.

Dimensionando as atitudes e os comportamentos dos profissionais e da criança no espaço escolar estabelecendo também relações com o seu cotidiano e as impressões da PRE são os elementos principais para nossa análise.

6 CAMINHOS METODOLÓGICOS

6.1 QUANTO A FINALIDADE DA PESQUISA

Este estudo tem por finalidade analisar experiências contextualizadas, em uma escola do campo, desenvolvidas com um estudante Autista, no município de Sumé – PB. Através dos fatores que constituem a pesquisa aplicada, podemos em nossas análises, compreender como o estudante autista desenvolve de forma significativa suas habilidades frente aos desafios apresentados pelos docentes.

A pesquisa aplicada concentra-se em torno dos problemas presentes nas atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais. Está empenhada na elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. Respondem a uma demanda formulada por “clientes, atores sociais ou instituições”.

A natureza da pesquisa possuiu um viés analítico, que objetivou gerar conhecimentos para o avanço de práticas educativas exitosas com crianças autistas. Este estudo, também, pode se caracterizar como uma pesquisa aplicada, pois, promove a construção de conhecimentos para situações práticas, direcionados para melhorias no atendimento educacional da criança autista. Sobre o conceito de pesquisa aplicada Thiollent (2009, p.36) evidencia que:

Segundo Gil (2019, p. 26) *a pesquisa aplicada abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem, ou seja, em territórios do cotidiano do pesquisador. A mesma pode contribuir para a ampliação do conhecimento científico e sugerir novas questões a serem analisadas dentro de um determinado contexto possibilitando a ampliação de conhecimentos sobre determinado campo de investigação.*

6.2 QUANTO AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

A pesquisa é de caráter descritivo por se debruçar sobre as características da prática educacional com a criança autista e, ao mesmo tempo, exploratória enquanto procura através da presença na região e das coletas de dados se familiariza com o tema, uma vez que o mesmo na perspectiva da educação do semiárido é pouco conhecido e explorado.

De acordo (GIL, 2008, p. 35), *as pesquisas são complementares à medida em que a descritiva contribui quando da observação e do registro dos acontecimentos e exploratória enquanto traz maior proximidade de fatos sociais.* Assim, as práticas pedagógicas pesquisadas vêm na perspectiva de somar informações a partir de uma nova visão referente ao sujeito.

6.3 QUANTO A SELEÇÃO DOS (AS) PARTICIPANTES

Para manter o sigilo de identidade dos informantes, adotamos os seguintes critérios. Em relação ao aluno, sujeito da pesquisa, foi denominado com o nome de Estrela. Ele é uma criança que possui um transtorno do espectro autista, reside na zona rural do município de Sumé e sua estrutura familiar é composta por seus pais e dois irmãos.

Quadro 2 - Descrição do informante

INFORMANTE	SEXO	IDADE	ANO
Estrela	M	11	6°

Estrela que foi matriculado em 2014 na Unidade Municipal de Educação. O mesmo teve seus contatos iniciais com a educação formal no ano de 2014, numa turma de educação infantil com outros 16 estudantes.

Na perspectiva da natureza exploratória da pesquisa, selecionamos também dois professores que possuem contato direto com o estudante e realizamos uma entrevista semiestruturada, com ambos. Estes foram identificados como P1 e P2, preservando também o sigilo de suas identidades.

Quadro 3 - Descrição dos professores

INFORMANTE	SEXO	ÁREA DE ATUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	FORMAÇÃO EDUCACIONAL
P1	F	Professora	32	Pedagogia
P2	M	Professor	35	Pedagogia

Os professores possuem formação pedagógica com vasta experiência nos anos iniciais do Ensino Fundamental e também desenvolvem práticas em turmas multisseriadas. Esta modalidade de ensino exige uma dinâmica diferente no processo de ensino-aprendizagem do que a sala regular comum.

A pessoa responsável por Estrela, doravante PRE, tem sido uma das principais parceiras durante o seu percurso formativo. Vale destacar que ela buscou se apropriar de conhecimentos teóricos e práticos referentes ao Transtorno de Espectro Autista.

Quadro 4 - Descrição da PRE

INFORMANTE	SEXO	IDADE
PRE	F	35

Os conhecimentos adquiridos pela pessoa responsável favoreceram na construção de articulações necessárias junto à escola e seus profissionais para melhorar o desempenho educacional de Estrela.

Esse é um tipo de participação bastante produtiva quando do desenvolvimento das atividades pedagógicas, pois objetivam também a continuidade do aprendizado fora do espaço escolar, ou seja, conhecimento para além de quatro paredes.

6.4 QUANTO À ABORDAGEM DO PROBLEMA

A abordagem deste estudo será de caráter qualitativo, onde não se preocupa essencialmente com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização ou de um fenômeno. Que no nosso caso será analisar as especificidades educacionais de um estudante com Autismo.

O método qualitativo de acordo com Silveira e Córdova (2009) busca explicar o porquê dos acontecimentos, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos e subjetivos.

A preocupação está voltada para os fatores ou elementos qualitativos de aprendizagem. As características da pesquisa qualitativa neste trabalho serão: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local do fenômeno pesquisado.

6.5 QUANTO A COLETA DE DADOS

O estudo será direcionado com base na pesquisa ação, que é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

De acordo com Tripp (2005, p. 445) “(...) a pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos (...)”. Esta prática de investigação potencializa a interação entre as pessoas envolvidas.

Nosso trabalho discorreu na seguinte sequência, buscamos o sujeito da pesquisa dentro do contexto escolar que englobasse a prática da educação contextualizada no Semiárido voltada para crianças das áreas da educação do campo (zona rural do município) e da educação especial, ou seja, crianças com deficiência.

A pesquisa foi realizada por meio de observações/práticas didáticas, leitura e análise de documentos de pré-diagnósticos, relatórios mensais que visavam, entre outros, registrar o comportamento de desenvolvimento escolar do mesmo.

Para melhor analisar os resultados da pesquisa, complementamos as observações com a participação de dois professores que apresentaram observações pertinentes ao percurso da criança desde a educação infantil até os anos iniciais do ensino Fundamental, através de entrevista semiestruturada.

E para que chegássemos a todo um conjunto de dados foi feita também uma entrevista semiestruturada com a pessoa responsável da criança, a fim de obter informações mais concretas, pois os diálogos com os professores e o responsável serviram para conhecermos e compreendermos as dinâmicas pedagógicas trabalhadas entre discente, docentes e família no processo de ensino-aprendizagem da criança.

7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

7.1 AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

As atividades educacionais com a criança autista iniciam na educação infantil a partir dos campos de experiências: cuidar de si e do outro, cuidar do meio ambiente, brincar e imaginar, pensar matematicamente, desenvolver linguagem corporal, verbal e artística partindo do eixo gerador "Convivência com o Semiárido".

Estas vivências objetivam situações onde a criança possa reconhecer os diferentes tipos de trabalhos e funções com o objetivo de proporcionar a vivência de situações onde a criança possa reconhecer os diferentes tipos de trabalhos e funções na escola, na família e na comunidade onde mora.

A realização destas habilidades traz como consequência em relação à interação a participação, por exemplo, em grupos de leitura e escrita reconhecendo diferenças e semelhanças, respeitando e considerando as peculiaridades entre os colegas, sem discriminá-los por suas características.

Em fase posterior, o processo de ensino-aprendizagem nos anos seguintes traz uma mudança de metodologia, ou seja, os conteúdos passam a ser trabalhados dentro das temáticas por áreas de conhecimentos.

Em Sumé, os professores das escolas da zona rural participaram de formações continuadas promovidas pela UFCG/CDSA para agregarem tais conhecimentos às práticas onde atuam nas escolas do campo. Em sua maioria os professores têm graduação em Licenciatura em Educação do Campo e atuam nos anos finais do Ensino Fundamental.

As aulas foram ministradas de acordo com a proposta do currículo de Educação do Campo, que traz dentro os quatro eixos temáticos, trabalhados durante o ano letivo: Identidade e Cidadania, Trabalho e Meio Ambiente, Arte, Cultura e Diversidade, Comunicação e Tecnologias para convivência no Semiárido.

Ressalta-se que a depender das unidades temáticas, os conteúdos podem ser revisados em qualquer eixo, a exemplo dos conteúdos Linguagem Verbal, Visual ou Brincadeiras, o intuito de resgatar informações e conhecimentos já abordados em aulas anteriores.

7.2 RECURSOS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento das atividades temáticas é necessário à utilização de determinados instrumentos pedagógicos. Estes recursos têm como objetivo, facilitar a compreensão dos educandos sobre a realização das temáticas propostas pelos professores, com a finalidade de alcançar os resultados esperados dentro dos conteúdos trabalhados na sala de aula.

Os avanços foram perceptíveis através das observações com as crianças quando faz a utilização correta dos materiais, tendo em vista que nem todos os materiais chamam atenção do aluno autista, fazendo com que isso dificulte o conhecimento do mesmo, em determinado assunto.

A depender da proposta de trabalho, o recurso irá variar diante da prática docente, de acordo com as atividades planejadas e desenvolvidas durante a semana de aula. Seguem os exemplos:

Recursos humanos - professor, técnico, palestrante e outros visitantes como agricultor, familiar, etc;

Recursos naturais - pedra, água, planta, terra, fruto, adubo, entre outros;

Recursos tecnológicos – ferramenta agrícola, TV, Computador, celular, DVD, som, microfone e outros recursos;

Recursos didáticos - cola, tesoura, cartolina, lápis hidrocor, calendário móvel, caderno, caneta hidrográfica, lápis grafite, ábaco, material dourado e outros;

Recursos paradidáticos - obra literária, jogo educativo, cartaz, revista, fotografias, charge, história em quadrinho, tirinhas, etc.

Este conjunto de recursos permite explorar atividades diversas como a leitura oral e compartilhada, a escrita, a formação de palavras e composição de números, a expressão corporal, a percepção e o conhecimento/cuidado com o meio ambiente, os pensamentos matemáticos, as linguagens artística, musical e teatral, entre outras.

7.3 EIXOS TEMÁTICOS

Tendo como referenciais do processo de ensino-aprendizagem da Educação do Campo, cada eixo temático, no quadro abaixo, vem acompanhado de seus respectivos conteúdos que foram base para a seleção e organização das atividades pedagógicas que também serão analisados logo a seguir.

Quadro 5 - Eixos Temáticos e os Conteúdos abordados pela Educação do Campo

<p>1. IDENTIDADE GÊNERO E RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS;</p> <p>a) A Família na escola;</p> <p>b) Os Tipos de moradia;</p> <p>c) A Linguagem verbal.</p>	<p>2. TRABALHO E MEIO AMBIENTE NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO;</p> <p>a) As plantas;</p> <p>b) O lixo;</p> <p>c) A Reciclagem;</p> <p>d) Os órgãos dos sentidos</p> <p>e) A alimentação</p>
<p>3. ARTE, CULTURA E DIVERSIDADE;</p> <p>a) A Linguagem visual;</p> <p>b) O Folclore;</p> <p>c) Corpo e movimento;</p>	<p>4. COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS.</p> <p>a) A Aula de computação;</p> <p>b) As Tecnologias do semiárido;</p> <p>c) Medidas de tempo.</p>

7.3.1 Identidade e Cidadania

A dinâmica trabalhada na escola do campo dá autonomia para o professor se reinventar diante de seus planejamentos a partir das áreas de conhecimentos abordadas dentro dos eixos, consolidando o conhecimento das crianças através das atividades do dia a dia em sala de aula.

Guardam relação com os relatos dos professores nos diversos encontros já realizados no município e relação com a concepção de educação do campo presente nas diretrizes municipais. São trabalhados de acordo com cada bimestre.

Partindo desta gama de possibilidades, enquanto pesquisadora e professora de Estrela até 2019, ao pesquisar em meus arquivos fotográficos e também nos arquivos da escola e buscando constituir parte do percurso escolar dele, selecionamos algumas imagens nas quais foi possível detectar a diversidade de atividades realizadas por Estrela.

a) Família na Escola**Objetivo:**

Relatar acontecimentos de si próprio e da família visando ampliar as relações afetivas com a família.

Metodologia:

Através de roda de conversa foi explorada a comunicação, a construção de cartaz com a foto, a identificação da família, leitura de imagem, escrita do nome, desenho.

Recursos Didáticos:

lápiz hidrocor, folhas sulfite, cartaz, foto, cola, tinta guache, pincel, celular, câmara digital.

Fotografia 2 - Estrela e membros de sua família



Fonte: Arquivos da própria autora, 2017.

Estrela foi participativa na atividade. Houve apenas uma pequena resistência, porque Estrela não gosta de foto, mas com um diálogo a criança aceitou. O intuito da foto foi montar um mural das famílias na sala de aula.

Com a finalidade de ampliar as relações afetivas com a família e com todos que o cercam “O ingresso na escola é um marco importante no desenvolvimento das crianças. Não apenas para o aprendizado em si, mas também pelo desenvolvimento social e pela formação do ser humano como um todo” (SILVA, 2012, p. 107).

A escola favorece conhecimentos importantes à criança com autismo, quando trabalha questões relacionadas à socialização através dos recursos didáticos. (celular e câmera digital, entre outros), à medida que a criança apresentava resistência para tirar fotos, era oferecido como estratégia o celular ou a câmera digital, para que o mesmo explorasse o espaço e os momentos de outras crianças, despertando nela a curiosidade e a vontade de aparecer na foto.

b) Tipos de Moradia

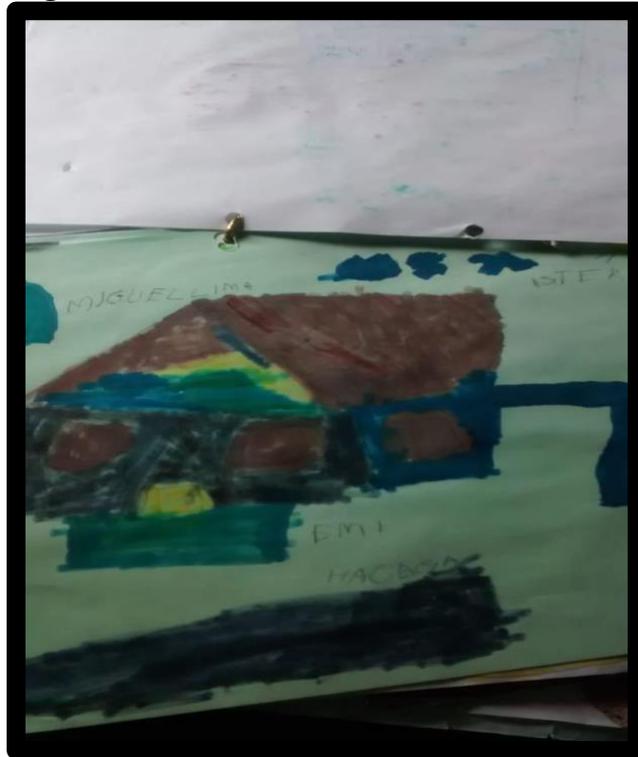
Objetivo:

Identificar as necessidades básicas da família.

Metodologia: Trabalhar a arte em produção de desenho, estimulando a comunicação, coordenação motora, percepção espacial, expressão artística, concentração, imaginação e criatividade, a partir da compreensão do texto discutido.

Recursos: Tinta guache, pincel, folha de papel sulfite, texto impresso.

Fotografia 3 - Foto de um desenho da casa de Estrela



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

A pintura tornou-se uma das atividades prazerosa para Estrela, a partir do momento que os desenhos foram tomando sentido. A produção deu-se de forma espontânea para a

criança expressar sua criatividade, com a finalidade de perceber através da pintura o espaço que divide com a família. Soares (2008, p. 1440), coloca que:

[...] o mundo das imagens traz uma significativa contribuição na mediação do autista com o mundo. A arte tem neste universo imagético um grande aliado. No uso da imagem como instrumentos mediadores do conhecimento, podemos observar resultados significativos.

Analisando outras produções de desenhos da casa, essa destacou-se por aparecer mais elementos, como cisternas, nuvens e mais cores, onde os primeiros desenhos da mesma eram só o telhado, a porta e pintada de preto. Mas através de várias orientações e repetições da mesma atividade dentro de outras temáticas, a criança começou a observar seu espaço com outro olhar diferente trazendo em sua arte um novo significado mais real.

c) Linguagem verbal

Objetivo: Favorecer a concentração dos educando para a escuta da leitura compartilhada

Metodologia:

Contação de histórias, dramatização, produção de desenhos, pintura com terra, percepção do espaço, criatividade com recursos naturais e humano, a partir de roda de conversa.

Recursos: folhas de cajueiro, sementes de pau Brasil, papel sulfite, cola, livro paradidático.

Fotografia 4 - Momento de Leitura



Fonte: Arquivos da Escola - Campo da pesquisa, 2018.

A aula foi bem produtiva, através do planejamento didático, o momento foi muito interessante, a aula fluiu , havendo interação de todos inclusive da criança autista.

De acordo com P2 é importante que [...] devemos estar preparados para planejarmos atividades e procurarmos estratégias de ensino que possam atender a todos, como forma de inclusão [...].

Para a criança autista, participar das atividades coletivas com os colegas, trás uma sensação de fazer parte daquele grupo. Sendo para Estrela um momento divertido, já que o mesmo não gosta de ficar muito tempo em um só lugar.

Pois sair da sala de aula, explorar outros espaços e conhecer algo novo causa-o curiosidade, era o que ele mais apreciava. A atividade de leitura deleite diária despertou a autonomia da escolha do livro que lhe chamava atenção através das imagens, provocando diálogo com os personagens.

7.3.2 Trabalho e Meio Ambiente

a) As plantas

Objetivo: Cuidar das hortaliças e jardins no entorno da escola em parceria com os colegas.

Metodologia: Rodas de conversas, Instigar a prática do cuidar das hortaliças, levando em conta a produção orgânica para ser introduzida na merenda escolar e a preservação ambiental.

Recursos: Crianças, regadores, água.

Fotografia 5 - Regando as plantas



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

Esta atividade prática incentiva as crianças na conservação do solo para a produção, trazendo benefícios para o seu dia a dia, tanto na escola como também no convívio familiar.

De acordo com Cunha (2012, p.73) “objetiva desenvolver a independência do autista, de modo que ele, ainda que precise do professor para o aprendizado, possa ser, em grande parte do seu tempo, independente para fazer as coisas relacionadas à sua vida diária”.

. A estratégia da dinâmica é fazer com que a criança autista aprenda por meio das experiências vivenciadas na família a importância do cultivo em seu lugar, trazendo como exemplo para sala de aula.

b) O lixo

Objetivo: Identificar as agressões que estão sendo causadas ao meio ambiente.

Metodologia: Conversa sobre a temática, informes com pais e estudantes, aula prática em/no campo em torno da escola, caminhada na comunidade para entrega de panfletos, culminância.

Recursos Didáticos: Sacos, luvas, cartazes, caixa de som, microfone, panfletos.

Fotografia 6 - Limpeza ambiental



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

A partir de um planejamento coletivo com todos que fazem o corpo docente, foi decidido fazer com os alunos uma atividade alusiva ao dia do Meio Ambiente, organizando assim uma culminância dos trabalhos realizados no período da temática.

SILVA, (2012), afirma que: É fundamental para a formação humana a conscientização dos estudantes no espaço escolar, por meio de ações educativas que possam ultrapassar os muros das escolas, tornando assim cidadão consciente.

Esta aula foi muito produtiva, pois a mobilização envolveu todos os alunos, comunidade e pais, onde Estrela foi participativo em todas as atividades propostas, sendo para o mesmo um dia divertido. A criança autista aprendeu através das práticas a importância de deixar o ambiente limpo, partindo de suas ações na sala de aula, levando para o convívio em casa e na sociedade.

c) Reciclagem

Objetivos: Refletir sobre reciclagem e meio ambiente, a partir de texto informativo e instrucional.

Metodologia: Roda de conversa sobre o tema, aula expositiva, seleção coletiva de materiais recicláveis, texto instrucional, jogo labirinto de bolinha, vídeos com a temática meio ambiente.

Recursos: Cola, cartolina, rolinho de papel higiênico e bolinha de rolon, tesoura, TV e DVD.

Fotografia 7 - Brinquedo reciclável



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

A produção tem como finalidade a construção de um brinquedo com material reciclável que estava dentro do conteúdo: Seleção coletiva de lixo, trazido para o debate em sala de aula de forma lúdica.

Segundo Silva, (2017) A confecção de brinquedos estimula na criança o desenvolvimento dos aspectos sociais, dentre eles a criatividade, autonomia e a socialização, elementos essenciais para um bom convívio em sociedade.

A partir desse jogo pode-se explorar diversos benefícios com a criança autista, por exemplo: trabalhar o equilíbrio, noção espacial, controle motor amplo, a criatividade e compartilhamento do brinquedo, entre outras.

Com base na atividade o estudante se identificou com o brinquedo, pois os desafios lhe chamaram atenção, despertando a vontade de brincar explorando suas competências, habilidades e concentração.

d) Órgãos e sentidos

Objetivo: Estimular os órgãos dos sentidos

Metodologia: Aula no campo, concentração, meditação explorando o ambiente e os elementos encontrados da natureza por meio de roda de conversa, registo da aula com desenho, listagem oral e escrita.

Recursos: Pessoas, folhas, terra, pássaros, frutos e plantas, caderno e lápis, tirinhas.

Fotografia 8 - Percepções sensoriais



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

Na imagem acima podemos ver que foi trabalhado de forma mediada à concentração das crianças no meio ambiente, utilizando os recursos naturais.

Por exemplo: sentir o vento na sombra do umbuzeiro, ouvir os cantos dos pássaros, pisar na terra, lavar as mãos, experimentar o fruto do umbu, sentir a espessura das folhas, saber diferenciar as cores e tamanho das flores e folhas, sentir o cheiro e gosto dos frutos, estimulando o olfato, paladar, tato, audição e visão.

Na visão de Vygotsky (1991) a ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação.

Neste viés podemos destacar que as ações desenvolvidas na atividade trouxeram reações e indagações sobre o que eles sentiam no momento, sendo que a criança autista teve dificuldade de concentração na hora de fechar os olhos para sentir o vento e ouvir os cantos dos pássaros, porém conseguiu realizar as outras propostas sugeridas.

e) Alimentos

Objetivo: Mostrar a importância dos alimentos produzidos no campo, tendo o campo como celeiro de alimentos.

Metodologia: Aula expositiva, listagem oral e escrita, trabalhando gráficos e tabela, letras, sílabas, palavras, frases, utilizando as frutas preferidas da turma, para melhor compreensão dos educandos.

Recursos: frutas, cola de papel, cartolina, lápis hidrocor, livro paradidático, tesoura.

Fotografia 9 - Momento do lanche



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

Conforme a sequência didática apresentamos ao estudante um momento de degustação com diversas frutas, onde o mesmo optou por escolher apenas as frutas que ele já conhecia, depois do lanche foi discutido os benefícios das frutas, a importância dos alimentos saudáveis para saúde.

Cunha (2012, p. 64) afirma que “os materiais pedagógicos – que podemos chamar de ‘materiais de construção do conhecimento’ – adquirem grande importância na educação em casos de autismo”. Quando levamos o material concreto para desenvolver a dinâmica na sala de aula com a criança autista, é perceptivo que é a melhor forma de chamar atenção para a compreensão do mesmo.

A partir daí se fez necessário trazer frutas diferentes em outro momento da aula, para incentivar o estudante a experimentar outras frutas, estimulando uma diversidade de gostos.

7.3.3 Arte, Cultura e Diversidade

a) Linguagem Visual

Objetivo: Estimular a criatividade, o raciocínio lógico, coordenação motora, concentração e produção de brinquedos.

Metodologia: Criação de personagem (saci) do folclore Brasileiro com material concreto, a partir de contação de história da lenda infantil, vídeos, dramatização, leitura e escrita de palavras sobre a temática.

Recursos Didáticos: Rolos de papel higiênico, tinta guache, EVA, cola, TNT e tesoura, TV, Pen Drive.

Fotografia 10 - Confeccionando personagem do folclore



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

A atividade tem como finalidade estimular diferentes tipos de linguagens, partindo do material construído com o intuito desenvolver a criatividade da criança autista. Para Cunha (2012). É importante a utilização de diversos materiais pedagógicos que facilitem o aprendizado da criança.

No início Estrela resistiu a participar do trabalho, pois não gostava de se sujar com tintas, mas a partir do momento que viu seus colegas produzindo o personagem, começou a produzir o seu, com mediação da professora, tendo o próprio objeto de estudo para apresentar no final da aula.

b) Linguagem Visual

Objetivo: Trabalhar o Folclore Brasileiro como manifestação da cultura popular, com material reciclável.

Metodologia: Apresentação das produções, recontação de história estimulando a oralidade e a escrita da criança autista. Exposição de material concreto.

Recursos : vídeo, TV, livro paradidático, brinquedo e DVD.

Fotografia 11 - Apresentação da confecção produzida



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

No momento da apresentação da recontação da história do personagem, a criança teve dificuldade de se expressar oralmente, mas por meio de outras estratégias o estudante mostrou a todos os colegas que tinha construído um brinquedo, fazendo a comunicação através de gestos.

De acordo com Cunha (2012), [...] o que impede o aprendizado do aluno com autismo é o déficit de atenção à fala do outro, em razão das dificuldades de comunicação e não a existência de algum problema cognitivo. Para Estrela se comunicar é desafio diário que enfrenta, tanto no seu dia a dia, como também nas realizações das atividades orais.

A criança autista não deu muita importância às produções dos colegas, mas quis chamar atenção de todos da turma com a sua confecção, demonstrando um sorriso por ter conseguido atenção dos demais alunos.

A aula foi significativa para todos, trazendo a importância da coletividade na hora da apresentação, principalmente para a criança autista expor a sua capacidade de ter um objeto da própria autoria, levando o aluno a despertar a criatividade de construir outros brinquedos com materiais recicláveis para brincar com seus irmãos em casa.

c) O Folclore

Objetivo: Apresentar os trabalhos produzidos na escola dentro da temática.

Metodologia: socialização dos trabalhos produzidos nas turmas durante a semana do Folclore para os pais e comunidade. Apresentação, exposição de materiais, vídeos, conversas com os moradores/ agricultores sobre as culturas.

Recursos: Palestrante, TV, teatro de fantoches, som, microfone, DVD entre outros.

Fotografia 12 - Culminância da semana do folclore



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

A dinâmica das atividades produzidas para o teatro do folclore fez com que a criança tivesse uma interação com os demais colegas, surgindo o interesse sobre determinado assunto, porque naquele instante se envolve no mundo mágico sobre o tema passado em sala de aula, estas ferramentas pedagógicas traz mais clareza para o aprendizado de Estrela.

De acordo com Silva (2010), aproveitar a atenção e a iniciativa de crianças com autismo para explorar determinados objetos e utilizar esta iniciativa como via para estabelecer e manter as trocas de ações com essas crianças pode ser uma alternativa frutífera para enriquecer o contato social delas com outras pessoas, tanto com adultos como também com outras crianças.

Com isso podemos afirmar e comprovar que trabalhar em sala de aula atividades lúdicas e atrativas chama atenção da criança instigando a socialização à concentração, por meio da encenação, promovendo habilidades como inibição, jogos simbólicos, experimentando diferentes sensações e emoções. Estrela foi participativo, ansioso e queria ser o primeiro a apresentar.

d) Corpo e Movimento

Objetivo: Trabalhar o corpo e os movimentos, como também o espírito de competitividade e coletividade.

Metodologia: Desenvolvimento corporal, estimulação de práticas esportivas.

Recursos: Humanos, bola, apito, cartão, cones, coletes.

Fotografia 13 - Atividade esportiva



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2017.

Durante a semana os alunos tiveram uma introdução de aulas de Educação Física, procurando promover o desenvolvimento corporal, motor, como também instigar práticas esportivas.

Segundo Oliveira (2004), a Educação Física, com conteúdo, potencializa a socialização e a interação, desenvolvendo consciência corporal, a qual lhes permite a construção de si próprios como seres inseridos no mundo.

As práticas esportivas são essenciais para trabalhar com a criança autista, o movimento, a coletividade, trazendo benefícios promovendo a evolução das habilidades físicas, cognitivas e mentais, possibilitando a inclusão. Pelo fato da criança ter uma atração pelo espaço da quadra esportiva, a professora e o estudante faziam acordos importantes como estratégias para estimular a leitura e escrita do próprio nome antes de ir para a quadra.

7.3.4. Comunicação e Tecnologia

a) Tecnologia computacional

Objetivo: Conhecer a sala de informática como um espaço de aprendizagem virtual.

Metodologia: Aulas expositivas de computação, conhecendo as tecnologias, concentração e manuseio.

Recursos: Humanos, computador, mouse, caderno, lápis, DVD.

Fotografia 14 - Atividade na sala de computadores



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2017.

Durante a aula da figura acima o estudante foi conhecer a sala de informática, os elementos que compõem o computador de mesa, despertando a concentração e a curiosidade em manusear a ferramenta.

Vygotsky (2003) afirma que, durante o processo de aprendizagem, a criança desenvolve conceitos que podem ser espontâneos e científicos. Os espontâneos são adquiridos por meio das práticas cotidianas da vida pessoal do indivíduo e os científicos através do contato com o ensino formalizado sobre determinado objeto do conhecimento, sendo formados por meio da instrução formal ocorrida no ambiente escolar.

Por isso devemos enfatizar que a aprendizagem pode ir além de conteúdos em sala de aula, através de recursos tecnológicos como vídeos, jogos com imagens e cores, os desenhos e fotografias, entre outros, são atraentes e captam a atenção da criança. Os materiais tecnológicos têm um forte estímulo visual e é justamente esta característica que os tornam extremamente benéficos para os alunos autistas.

b) Tecnologias do Semiárido

Objetivo: Mostrar as tecnologias sociais para convivência com o Semiárido.

Metodologia: Diversidades tecnológicas, desenho e observação dos tipos de armazenamentos de água, listagem oral e escrita, roda de conversa.

Recursos: Tecnológicos, papel ofício, lápis, tintas, pincel.

Fotografia 15 - Conhecendo os tipos de reservatório de água



Fonte: Arquivos da própria autora, 2021

A aprendizagem adquirida em sala de aula através do uso da tecnologia pode ser relacionada com o ambiente real e o cotidiano da criança com autismo, provocando a

convivência social e a qualidade de sua vida. Para Vygotsky (2003) o ensino/aprendizagem pode fazer a relação do cotidiano com o científico mostrando a importância de ter estratégias para o armazenamento de água através das cisternas como uma tecnologia para facilitar a convivência com o semiárido.

Tratando das tecnologias da cisterna, destacou-se o desenho de sua moradia, onde o mesmo fez a relação da cisterna da sua casa com a da escola, percebendo que é um meio de armazenamento de água.

A partir das trocas de experiências com a criança autista é necessário estar levantando possibilidades de desenvolver a leitura e a escrita, partindo do contexto trabalhado, facilitando a compreensão do mesmo com em relação ao conteúdo com materiais concretos.

c) Medidas de Tempo

Objetivo: Marcar informações importantes no calendário móvel.

Metodologia: Aula prática registrando no calendário móvel os dias da semana, mês e ano, sequência numérica, leitura oral e escrita.

Recursos: Calendário móvel, caderno, lápis.

Fotografia 16 - Contato com o calendário móvel



Fonte: Arquivos da própria autora - Campo da pesquisa, 2018.

O uso do material concreto e móvel durante a realização das atividades, tem como finalidade facilitar o entendimento da criança autista no processo de ensino aprendizagem.

A criança conseguiu demonstrar a compreensão do assunto discutido por meio do uso do recurso didático na prática. Vygotsky (2003) destaca que as relações cotidianas transmitem conhecimentos que podem ser ressignificada na sala de aula, tendo em vista o ensino informal e formal trazendo conceitos da linguagem matemática.

Considerando a necessidade de prática educativa para a criança autista, é notório que a utilização de variedades de materiais pedagógicos é importante para facilitar o aprendizado do mesmo, quando é mediado pela professora dentro do seu contexto ou ações desenvolvidas nas brincadeiras e construções semióticas.

Não temos um método avaliativo específico para Estrela, pois o mesmo é constantemente observado e avaliado diante das necessidades e avanços, desde do comportamento ao desenvolvimento das atividades propostas em sala de aula.

Mas utilizamos de algumas estratégias pedagógicas, que nos permitem a observar as dificuldades, apontando novos caminhos para o desenvolvimento e aprendizagem do estudante, tendo como o foco a especificidade da criança autista.

Hoffmann afirma que a intenção do mediador deve ser de “conhecer, compreender, acolher os alunos em suas diferenças e estratégias próprias de aprendizagem para planejar e ajustar ações pedagógicas favorecedoras a cada um e ao grupo como um todo” (HOFFMANN, 2005, p. 14).

As atividades direcionadas surgem a partir das temáticas discutidas com todas as crianças, para que Estrela sinta-se agregado na turma, sem perceber que está sendo avaliado de forma coletiva e individual dentro do mesmo espaço que os outros.

A avaliação é diagnóstica, processual e contínua, se dá através de observação, exercícios, realização e participação nas atividades gerais da culminância, preenchimentos de fichas e relatórios, explorando vários recursos pedagógicos a partir de jogos, brincadeiras, material concreto, etc.

Não existe uma única definição de avaliação, existe um olhar diferenciado do professor na hora de planejar levando estratégias voltada para desenvolver as habilidades com o autista, tendo em mente o que quero alcançar em cada aula com uma determinada atividade. Exemplo: Se a criança não consegue ficar por um tempo sentado junto com os colegas, o professor em sua sequência didática tem que trazer no seu plano de aula uma atividade atrativa que chame a atenção do mesmo no contexto.

É uma atividade permanente e não restrita à etapa final do ciclo da política pública que informa sobre seus avanços e limites. Com isso, contempla seu desempenho na implementação dos resultados, tendo em vista a determinação de sua eficiência, efetividade, impacto, sustentabilidade e relevância de seus objetivos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, tivemos como um dos principais intuitos, fortalecer e fomentar processos educativos e contextualizados, que ampliam as experiências, valores, saberes e criatividade de um estudante com Autismo.

De acordo com as leituras dos textos para a elaboração deste trabalho percebi que as dimensões que foram abordadas, são propostas novas e que ainda estão se consolidando nas escolas do campo e nas escolas das sedes dos Municípios do Cariri paraibano, e que estão se efetivando a partir dos trabalhos dentro de um currículo, se os professores possuírem formações para poderem desenvolver práticas associadas às realidades, mas sem deixar de cumprir com os conteúdos que os alunos devem aprender durante o processo de ensino e aprendizagem.

Estabelecemos ainda, conexões entre os aportes teóricos referentes à educação inclusiva e sua materialização no espaço escolar ressaltando as lacunas existentes e suas implicações para o desenvolvimento processual e cognitivo da criança portadora de necessidades especiais.

Esta pesquisa se caracteriza por apontar possibilidades de teóricas, pedagógicas e metodológicas que foram desenvolvidas com uma criança autista na escola do campo, onde os processos de ensino-aprendizagem ocorrem em turma multisseriada. Fator este que não pode ser entendido como problema, haja vista que faz parte da nossa realidade local caririzeira.

Entre os múltiplos aprendizados no transcurso da pesquisa, merece destaque que a formação inicial e continuada, com olhar humano e sensível, para uma perspectiva de educação inclusiva, seja mais presente nos múltiplos espaços formativos.

Isto favorece os docentes que irão atuar diretamente com as crianças que possuem, porventura, alguma deficiência consiga desenvolver suas práticas pedagógicas de forma a tentar atender as inquietações, necessidades e anseios tanto do estudante, quanto dos familiares que se envolvem também nos processos educativos.

A partir da experiência construída e desenvolvida, concluímos que é mais que urgente articulação e o planejamento para aproximar aspectos teóricos e idealizados, daquilo que acontece dentro das escolas e da sala de aula. Sendo necessário para o desenvolvimento de práticas significativas sincronismo e sintonia entre múltiplos segmentos, sejam eles gestores, docentes, políticos e familiares para que consigamos promover e potencializar a qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Alisson Clauber Mendes de. **Educação do campo e interdisciplinaridade pedagógica: o caso da UMEIEF José Bonifácio Barbosa de Andrade no município de Sumé – PB**. Anais II CONIDIS. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/33431>. Acesso em: 16/02/2021
- ARANHA, Maria S. F. Inclusão Social e Municipalização. *In*: Manzini, E. J. **Educação Especial: temas Atuais**. Marília: Unesp, 2000.
- BARBERINI, Karize Younes. **A escolarização do Autista no ensino regular e as práticas pedagógicas**. Universidade Presbiteriana Mackenzie CCBS – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.16, n.1, p. 46-55, 2016.
- BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. *In*: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). **Autismo e educação: atuais desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-39.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2007.
- BRIANT, Maria Emília Pires; OLIVER, Fátima Corrêa. Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: conhecendo estratégias e ações. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 18, no 1, Jan./Mar., 2012.
- CALDART, Roseli Salete. *et al.* **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CARDOSO, Maria Angélica; JACOMELI, Mara Regina Martins. Considerações sobre as escolas multisseriadas: Estado da arte. Educere Et. Educare - **Revista de Educação** ISSN 1809-5208, Cascavel, vol. 5, nº 9, p. 267-290, jan/jun 2010.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- FERREIRA, Carolina; MISSE, Cristina; BONADIO, Sueli. **Brincar na educação infantil é coisa séria**. Akropolis, Umuarama, v. 12, n. 4, p. 222-223, out./dez. 2004.
- GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **Rezinho Autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. São Paulo: nVersos, 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades e Estados. Rio de Janeiro: 2019.

LDB. **Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/paraiba.htm>
<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 28 de março de 2020.

LIMA, S. Melo; LAPLANE, A. L. F. de. Escolarização de Alunos com Autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 22, n. 2, p. 269-284, Abr.-Jun., 2016.

LINS, Cláudia Maisa Antunes. Livros didáticos contextualizados conhecendo o Semiárido 1 e 2: aspectos políticos/pedagógicos no percurso de elaboração. *In*: REIS, Edmerson dos Santos. E CARVALHO, Luzineide Dourado. **Educação e Convivência com o Semiárido: Reflexões por dentro da UNEB**. Juazeiro: UNEB/NEPECSAB/MCT/CNPQ/INSA/Selo Editorial RESAB, 2011.

MENEZES, A. R. S. de. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?** 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PPP. **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. ESCOLA PRESIDENTE VARGAS**. Documento impresso fornecido pela direção da Escola. Sumé – PB. 2020.

PPP. **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. ESCOLA JOSÉ BONIFÁCIO BARBOSA DE ANDRADE**. Documento impresso fornecido pela direção da Escola. Pio X, SUMÉ – PB. 2017.

RESUMO EXECUTIVO 2010 – 2020. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável** – PTDRS. Território do Cariri Oriental – PB. Paraíba – 2010.

SANTANA, Marcos Oliveira. **Atlas das áreas susceptíveis à desertificação do Brasil** / MMA, Secretaria de Recursos Hídricos, Universidade Federal da Paraíba; Marcos Oliveira Santana, organizador. Brasília: MMA, 2007.

SENA, Rosiane Rocha Oliveira. O livro didático em questão: um olhar a partir da perspectiva da Educação Contextualizada. *In*: CUNHA, Andrews Rafael Bruno de Araújo; SANTOS, Ana Paula Silva dos; PEREZ-MARIN, Aldrin Martin. **Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro**: debates atuais e estudos de caso. Campina Grande – Paraíba: INSA, 2014.

SERRA, Dayse. Autismo, Família e Inclusão. **Polêmica, Revista Eletrônica**, v. 9, nº 1, p. 40-56, jan./mar. 2010.

SILVA, Adelaide Pereira da. **O conceito de educação Contextualizada na perspectiva do pensamento complexo – um começo de conversa**. Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro ofertado pelo CDSA — *Campus* de Sumé (UFCG), 2010.

SILVA, Lucivania Deodato da. **A Economia Solidária segundo a EJA - Educação de Jovens e Adultos**: possíveis contribuições para uma determinada associação comunitária rural local. Sumé - PB: [s.n],2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SUMÉ (PB). Prefeitura. **Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Municipal de Ensino no ano letivo de 2020**. SEDUC, 2020.

THIOLLENT, M. **Pesquisa ação nas organizações**. 2ª Ed. São Paulo: 2009.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez. 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ed. Tradução: José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICES



Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido
Orientador: Prof^a. Ma. - Denise Maria Duarte Coutinho
Orientanda: Adilma Francisco de França

Profissão: _____

Professora/nível de ensino: _____

Graduação/Curso: _____

Pós-graduação: () especialização () Mestrado () Doutorado

Local de Atuação: _____

Tempo de Atuação: _____

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Pergunta 1: Até agora durante suas formações, Inicial e continuadas, houve discussões referentes ao tema da Educação Especial?

Pergunta 2: Das quatro fases da Educação Especial – Exclusão, segregação, integração até a atual inclusão- em qual sua perspectiva de trabalho se encaixa?

Pergunta 3: Quais os desafios enfrentados ao lidar com uma criança com necessidades especiais no contexto escolar?

Pergunta 4: Diante dos desafios encontrados na sala de aula, como você faz para estar incluindo o aluno especial dentro das práticas desenvolvidas na escola de forma contextualizada?

Pergunta 5: Quais as estratégias metodológicas utilizadas em sala de aula para inclusão do estudante autista?

Pergunta 6: Como você avalia o desenvolvimento da criança autista diante das práticas contextualizadas desenvolvidas na turma multisseriada? Ele participa das

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido

Orientador: Prof.^a Ma. - Denise Maria Duarte Coutinho

Orientanda: Adilma Francisco de França

Profissão: _____

Professora/nível de ensino: _____

Graduação/Curso: _____

Pós-graduação: () especialização () Mestrado () Doutorado

Local de Atuação: _____

Tempo de Atuação: _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A MÃE

1. **A criança apresentava comportamentos diferentes dos outros irmãos, quando era bebê?**
2. **Quando você percebeu que a criança tinha hábitos diferentes?**
3. **Como foi para você quando recebeu o diagnóstico que seu filho era autista?**
4. **. Como foi o desenvolvimento dele desde bebe até ele ir à escola?**
5. **Como vocês, a família lida com a criança sabendo de suas limitações em casa?**
6. **A escola contribui para o desenvolvimento da criança? Como?**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Título do TCC: EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO: O AUTISMO EM FOCO

Pesquisadora Responsável: ADILMA FRANCISCO DE FRANÇA

Professora Orientadora: PROFA. Ma. - DENISE MARIA DUARTE COUTINHO

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG/CDSA)

Nome da Unidade de Ensino: JOSÉ BONIFÁCIO BARBOSA DE ANDRADE

Endereço: RUA PROJETADA

Número: S/N

Localização: PIO X

Cidade: SUMÉ

Estado: PARAÍBA

Cep : 58540 000

Prezado (a) Senhor (a),

Vimos através do presente, solicitar a autorização para que a escola seja o local de realização da pesquisa A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO: O AUTISMO EM FOCO que está sendo desenvolvido por ADILMA FRANCISCO DE FRANÇA, aluna do CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO da UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG/CDSA), sob a orientação da Profa. Ma. - DENISE MARIA DUARTE COUTINHO.

O objetivo principal do estudo é analisar práticas pedagógicas aplicadas ao aluno autista em uma escola do campo.

A finalidade deste trabalho é contribuir com algumas experiências e práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito escolar com uma criança autista, através da pesquisa.

Solicitamos a sua colaboração para esta autorização de coleta dos dados através da prática da observação participante, realização de entrevistas, cedência e captação de fotografia e filmagem, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da linguística e/ou educação, além de áreas afins e publicar em revista científica e outros meios de divulgação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e/ou de seu será mantido em sigilo.

A pesquisadora estará, durante a duração da pesquisa, a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa:

- Cumprir os acordos firmados, se houver, para a realização da pesquisa;
- Prestar conta dos resultados parciais ou finais da pesquisa, quando solicitada;
- Consultar o (a) profissional, por ocasião da publicação/divulgação dos resultados, sobre o modo de como mencionar e/ou fazer referência ao nome do (a) mesmo (a).

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Por estarem de acordo com este termo, ambos os envolvidos assumem o compromisso de levarem-no adiante, subscrevendo-se abaixo.

Sumé (PB), _____ de _____ de _____

Assinatura da direção

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, por favor ligar para a pesquisadora, telefone para contato: (83) 99995-9656

Assinatura da pesquisadora responsável por obter o consentimento

Assinatura da testemunha

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Título do TCC: EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO: O AUTISMO EM FOCO

Pesquisadora Responsável: ADILMA FRANCISCO DE FRANÇA

Professora Orientadora: PROFA. Ma. - DENISE MARIA DUARTE COUTINHO

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG/CDSA)

Nome da entrevistada:

Grau de parentesco: _____

Prezada Senhora,

A Senhora está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CAMPO: O AUTISMO EM FOCO, que está sendo desenvolvido por ADILMA FRANCISCO DE FRANÇA, aluna do CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO da UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG/CDSA), sob a orientação da Profa. Ma. - DENISE MARIA DUARTE COUTINHO.

Os objetivos do estudo é analisar práticas pedagógicas aplicadas a aluno autista em uma escola do campo.

Solicitamos a sua colaboração para a coleta dos dados através da entrevista, fotografia e filmagem, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da linguística e/ou educação, além de áreas afins e publicar em revista científica e outros meios de divulgação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome e/ou de seu será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a) podendo decidir não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo.

A pesquisadora estará, durante a duração da pesquisa, a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa:

- Cumprir os acordos firmados, se houver, para a realização da pesquisa;
- Prestar conta dos resultados parciais ou finais da pesquisa, quando solicitada;
- Consultar o (a) profissional, por ocasião da publicação/divulgação dos resultados, sobre o modo de como mencionar e/ou fazer referência ao nome do(a) mesmo(a).

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Por estarem de acordo com este termo, ambos os envolvidos assumem o compromisso de levarem-no adiante, subscrevendo-se abaixo.

Sumé (PB), _____ de _____ de _____

Assinatura do participante da pesquisa

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, por favor ligar para a pesquisadora, telefone para contato: (83) 9 99959656

Assinatura da pesquisadora responsável por obter o consentimento

Assinatura da testemunha

Assinatura da testemunha